



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TAINARA RAYANNE DA SILVEIRA VITAL

**A FORMAÇÃO EM PROCESSO DE ALFABETIZADORES DE JOVENS
E ADULTOS DE CAMADAS POPULARES NO PARANOÁ/DF**

BRASÍLIA - DF

2015

TAINARA RAYANNE DA SILVEIRA VITAL

**A Formação em Processo de Alfabetizadores de Jovens e Adultos de
camadas populares no Paranoá/DF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra Shirleide Pereira da Silva Cruz.

BRASÍLIA - DF

2015

TAINARA RAYANNE DA SILVEIRA VITAL

**A Formação em Processo de Alfabetizadores de Jovens e Adultos de
camadas populares no Paranoá/DF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

APROVADA:

Professora Doutora Shirleide Pereira da Silva Cruz
Orientadora
Faculdade de Educação\Universidade de Brasília

Professor Doutor Erlando da Silva Rêses
Faculdade de Educação\Universidade de Brasília

Professor Doutor Renato Hilário dos Reis
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Mestre Thiago Oliveira Nunes
Ministério da Educação

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiro de tudo, ao meu Deus. Por meio do qual tento honrar tudo que
ele é por e para mim.

Em segundo lugar, dedico aos meus pais, sem os quais não teria alcançada se quer o ingresso
na faculdade, quanto mais a conclusão do curso. Pai, mãe, hoje cada sacrifício de vocês vale
um pouco mais a pena.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter me dado meu primeiro maior presente, a vida. Sem a qual, não teria realizado nada. Também agradeço pela força que me concedeste para continuar, sempre em busca de melhorar e, principalmente, por cada visão do dia da defesa que me fizeram acreditar em mim e que eu poderia realmente chegar lá.

Agradeço também a meus pais, Valério e Maria, pela cobrança que não me deixavam abandonar o trabalho, mas, ao mesmo tempo, pelo apoio, sempre incondicional e dando-me a certeza de que eu era capaz. Pelos sacrifícios que fizeram ao longo de suas vidas para que eu pudesse vivenciar o privilégio de cursar o nível superior em uma Universidade Federal.

Aos meus irmãos, Renan e Gessyca, na mesma proporção, pela cobrança e apoio. Entendendo minhas ausências em alguns momentos e cedendo-me suas casas e colos nos momentos de choro e desespero.

Ao meu futuro esposo, Bruno, pelas incontáveis noites acordadas apoiando-me no que seria “O” último dia terminando este trabalho. Também por acreditar em mim, me apoiar, me consolar e me incentivar a começar novamente. Que eu possa ser como você algum dia que precisares.

Aos meus discípulos, Brenda, Bruna, Camila, Eduarda, Israel, Jordana, José, Kamylla, Letícia, Leonardo, Mylena, Thiago; líderes, Talita e Gustavo e amigos, por perdoar minhas falhas, pelas ausências desnecessárias e as expectativas frustradas. Todos foram vítima, mas agora todos carregam o troféu junto comigo.

À professora Shirleide, por ter acolhido meu sonho de escrever um Trabalho de Conclusão de Curso que expressasse meu percurso acadêmico, mas também, a profissional com todos os aspectos humanos que me formaram. Pela paciência a cada caminho mudado, prazo adiado, tempo “acomodado”. Por ter esperado.

A todos os participantes do GENPEX, em especial, o Professor Renato Hilário e a Professora Maria Clarisse e os colegas Ester, Karla, Julieta, Thiago, Jacqueline, Marina, Janaína, Nirce e Pâmella por terem entrado em minha vida no segundo semestre e, posteriormente, por ter concedido uma das experiências mais significativas de minha vida, com todo apoio e participação: minha primeira aula.

Ao tripé da pedagogia, Nathália e Rayanne, pela companhia e apoio em todo percurso acadêmico que não foi fácil, inclusive, até este momento. Pela disposição e ajuda efetiva. Amo vocês! Vou levá-las aonde for.

Aos meus veteranos, de modo geral, Wesley, Matheus, Victor, Virgílio e, especialmente, à Deise, que, sem saber, foi minha madrinha desde sempre e sempre, indicando caminhos acadêmicos e também de como conciliar com o espiritual. Nossa conversa no 32º ENEPe – 2012 - em Belo Horizonte, minutos antes de ir me embora, me fez encontrar Paulo Freire e a pedagogia da autonomia como um caminho que concordava com o meu de mudar o mundo.

A Faculdade de Educação, por ceder seus espaços de sala, para os momentos de quebrar a cabeça e crescer; praça, para socializar, rir e fazer campanha; o alpendre (como diria Nathália) para orar, reunir a célula, estudar e dormir; os corredores, para encontrar quem procuramos ou informações frescas sobre tudo.

A todos os colegas do Programa de Formação Integrada e Emancipadora – FORMANCIPA, por terem me dado o espaço de experimentar o exercício de coordenar e ter tido paciência com as falhas. Em especial ao Professor Erlando, que entendeu o meu afastamento quando da necessidade de realizar este trabalho e pelo apoio nos momentos de crise, mesmo depois de não ter mais nenhum vínculo com o projeto. Por ser um amigo. Que seja eterno!

À Thays Vieira que nos últimos meses foi pessoalmente comigo à biblioteca me fazer companhia e ajudar a escrever. Apoiou meus argumentos, riu e chorou comigo por esta graduação. Este é um ótimo jeito de se começar uma amizade.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever o processo de formação de Alfabetizadores no Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos de camadas populares do Paranoá/DF, observando em que este se aproxima e distancia-se dos princípios embasadores do projeto, os quais, remetem-se à uma educação que contribui para a formação de sujeitos amorosos, políticos e epistemológicos. O estudo pode ser realizado a partir da imersão no projeto durante a realização do estágio supervisionado no ano de 2014, da produção de diários de bordo dos encontros de formação, o levantamento bibliográfico sobre o projeto e a entrevista realizada com o professor coordenador do projeto, Dr. Renato Hilário dos Reis. Os materiais foram submetidos à análise de conteúdo, foram categorizados e observados à luz das bases teóricas identificando aproximações e distanciamentos entre as etapas deste processo e essas bases. As considerações apontam para um ganho teórico por parte do projeto, apesar do afastamento da comunidade. Entretanto, a formação de alfabetizadores, num processo histórico, adquire uma metodologia própria a qual direciona os encontros de formação deste projeto.

Palavras-chave: Formação de Alfabetizadores; Formação de Sujeitos; Formação de Educadores; Alfabetização de Jovens e Adultos;

ABSTRACT

The objective of this study is to describe the Literacy training process in a Project of Literacy for Youth and Adult of popular areas of Paranoá / DF, noting that it approaches and distances itself from design principles that bases the project, which, if bring you to an education that contributes to the formation of loving, political and epistemological subjects. The study could becarried out from the immersion in the project during the course of supervised training in the year 2014, production logbooks of training meetings, the literature on the project and the interview with the teacher coordinator of the project, Dr. Renato Hilário dos Reis. The materials were submitted to discourse analysis, they were categorized and observed about the prospect of theoretical bases of these Project identifying similarities and differences between the steps of this process and these bases. The considerations point to a theoretical gain from the project as a result of a community withdrawal. However, the training of literacy teachers, a historical process acquires its own methodology which directs this project training meetings.

Key-words: Training literacy; Subject Formation; Teacher training; Literacy for Youth and Adults

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CA – Centro Acadêmico

CAPe – Centro Acadêmico Pedagogia do Oprimido

CEDEP – Centro de Desenvolvimento e Cultura do Paranoá

CEM – Centro de Ensino Médio

CIMAN – Curso Integral de Madureza da Asa Norte

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Científico

CONAE - Conferência Nacional de Educação

DF – Distrito Federal

EAPE – Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação

FE – Faculdade de Educação

FEDF - Fundação Educacional do Distrito Federal

FORMANCIPA – Programa de Formação Integrada e Emancipadora

FS – Faculdade de Saúde

GDF – Governo do Distrito Federal

GENPEX - Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão Popular e Estudos Filosóficos e Históricos e Culturais

GEPFAPe - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação de Professores e Pedagogos

GO - Goiás

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MG – Minas Gerais

OEB – Organização da Educação Brasileira

PROEJA TRANSIARTE – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos integrado

RN – Rio Grande do Norte

SEE – Secretaria de Estado de Educação

TERRACAP – Companhia Imobiliária de Brasília

TICs – Tecnologias de Informação da Comunicação

TUCA 1 – Turma Unida Comunicando o Amor 1

TUCA 2 - Turma Unida Comunicando o Amor 2

UnB – Universidade de Brasília

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - História do Paranoá e sua influência	30
Quadro 2 - Calendário vivenciado de setembro e outubro de 2014	48
Quadro 3 - Currículo de Formação 1989 a 2010	51
Quadro 4 - Currículo de Formação de 2011 a 2014	52
Quadro 5 - Comparativo da Formação Inicial	53
Quadro 6 - Currículo Formação Continuada de 1989 a 2010	59
Quadro 7 - Currículo Formação Continuada de 2011 a 2014	60
Quadro 8 - Comparativo Currículo Formação Continuada	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da Cidade Paranoá	39
Figura 2 - O caminho da constituição de sujeitos	42
Figura 3 - Espaço/tempo da Formação Inicial – 1989 a 2010	55
Figura 4 - Espaço/Tempo Formação Inicial de 2011 a 2014	56
Figura 5 - Espaço/Tempo Formação Continuada de 1989 a 2010	57
Figura 6 - Espaço/Tempo Formação Continuada 2011 a 2014	58

SUMÁRIO

PARTE 1 - MEMORIAL	13
Minha História	14
Quem sou eu	19
Mutatis Mundi	21
PARTE 2 – ESTUDO MONOGRÁFICO	23
Introdução	24
Capítulo 1 – A história de fixação do Paranoá e a concepção de formação do CEDEP/UnB	30
Perfil dos (as) alfabetizadores (as).....	36
Capítulo 2 – Descrevendo os Princípios Formadores do CEDEP/GENPEX/UnB	40
Capítulo 3 – As etapas históricas do processo de formação	44
3.1 A formação Inicial antes do convênio.....	44
3.2 Formação Inicial depois do convênio	45
3.2.1 Parte da EAPE	46
3.3 Formação Continuada antes do convênio	47
3.3.1 Aprofundamento: subcategoria de formação em processo.....	47
3.4 Formação Continuada depois do convênio	47
3.4.1 Parte do GENPEX	48
3.4.2 Formação promovida pela EAPE	49
Capítulo 4 – Aproximações e Distanciamentos da formação do Alfabetizador de amor-poder-saber	51
4.1 Currículo da Formação Inicial 1989 a 2010.....	51
4.2 Currículo da Formação Inicial 2010 a 2014.....	52
Aproximações e Distanciamentos	53
4.3 Espaço tempo da Formação Inicial 1989 a 2010	54
4.4 Espaço tempo da Formação Inicial 2010 a 2014	56
Aproximações e Distanciamentos	56
4.5 Espaço tempo da Formação Continuada 1989 a 2010.....	57
4.6 Espaço tempo da Formação Continuada 2010 a 2014.....	58
Aproximações e Distanciamentos	59
4.7 Currículo da Formação Continuada 1989 a 2010	59
4.8 Currículo da Formação Continuada 2010 a 2014	60
Aproximações e Distanciamentos	60
Considerações Finais	62
PARTE 3 – PERSPECTIVA PROFISSIONAL FUTURA	63
Referências	65
ANEXO 1	67

PARTE 1
MEMORIAL

Minha História

Conhecer a história de vida dos meus pais é entender a minha, pois ela contextualiza minhas condições de vida e criação. Uma das atividades da disciplina “Orientação Vocacional Profissional” era a confecção de um portfólio com fotos, músicas, poemas etc dos momentos que marcaram nossa vida. Neste, escrevi o poema abaixo sobre a história dos meus pais.

Álbum da Vida

*Maria era uma mulher linda
e em Brasília veio trabalhar
Na loja de roupas de sua irmã
começou a ajudar.*

*Na cidade morava um playboy
Na asa norte ele atendia
em seu negócio de irmãos
ao lado da loja de Maria
artigos para animais, Valério vendia.*

*Mas Valério uma namorada já tinha
e Maria ao namoro assistia.*

*Os garotos da asa norte em Maria começaram a reparar
mesmo desarrumada pretendentes ela quis arranjar
Mas foi em uma festa que Valério a quis namorar
Maria que já o admirava, tratou de aceitar.*

*Maria e Valério trabalharam em massa
Do cachorro quente ao primeiro carro táxi
Compraram sua primeira casa.*

*O amor deles era tão grande
que neles já não cabia
dividiram-no então com a dupla sabida
Renan Breno e Gessyca Lany*

*A casa tinha o tamanho certo
Quem mandou sair em pescaria?
No Rio Araguaia conceberam mais um investimento,
A rapa do tacho Tainara Rayanne.*

Maria José da Silveira Vital, minha mãe, nasceu em Goiânia e perdeu o pai poucos anos depois de nascer, ela e mais três irmãs foram então criadas somente pela mãe com muita dificuldade. Aos treze anos ela já ajudava a cuidar das crianças em uma casa de família e, as vezes, também lavava os pratos do restaurante que eles tinham. Meu avô paterno havia conseguido, com muita dificuldade para estudar em Natal/RN, entrar para o exército, quando

começaram as obras para a criação de Brasília ele foi transferido e alocado na polícia militar. Minha avó era enfermeira e também foi logo empregada. Com uma condição financeira melhor, meu pai, Valério Sávio de Lima Vital, estudou em escolas particulares e concluiu o ensino médio.

Depois de se casarem, meus pais precisaram trabalhar bastante para comprar casa e sustentar dois filhos, mas quando nasci eles já tinham uma condição melhor, então, eu não precisei ir trabalhar com eles igual meus irmãos, ficava em casa com uma pessoa que se tornou da família, a minha Nene (Marilene).

Não sei se foi o fato de ter sido concebida em meio a uma pescaria, mas tenho uma ligação forte com água, naquele mesmo Rio aprendi a não usar mais fraldas com um ano de idade. Aos 4 anos aprendi a nadar nos acampamentos que fazíamos no Rio Quente/GO. Com 6 anos entrei na primeira escola de natação, aos 13 já participava da equipe da Secretaria de Esporte e Lazer – SEL, treinando 4 vezes por semana. Sai aos 16 anos quando achei que o ritmo de treinos poderiam me atrapalhar a estudar para o vestibular.

A idade com que comecei a nadar é um exemplo de como sempre fui bastante adiantada em tudo, meus pais dizem que isso aconteceu por conta da convivência com meus irmãos que eram mais velhos; aos quatro anos eu já lia gibis e aos cinco escrevia com facilidade, aos sete anos ganhei um concurso de leitura da escola parque, lembro-me de pegar dois livros quinzenalmente na biblioteca e passar o intervalo lendo. No fim do ano eu tinha lido mais de duzentos livros!

No ano seguinte mudei para uma escola mais próxima de casa, no Cruzeiro novo¹. Não foi tão ruim, porque passei para a escola da minha melhor amiga da quadra e podíamos ir andando sozinhas para a escola. Foram meus dois últimos anos em escola pública e tive ótimas experiências. Tive medo de ir para uma escola particular, mas fui encorajada pela minha professora da 4ª série, da qual me recordo até hoje. No CIMAN², reencontrei uma amiga do jardim de infância que cursei na Escola Normal de Brasília³, juntamo-nos a mais duas amigas e formamos um quarteto que se encontra até hoje.

¹ Cruzeiro é uma cidade satélite de Brasília localizada próximo à Asa Sul abaixo do Parque da Cidade. É dividida em cruzeiro novo, onde há somente prédios, e Cruzeiro Velho, onde há somente casas. Esta é a região administrativa nº XI. <http://www.cruzeiro.df.gov.br/sobre-a-ra-xi/conheca-cruzeiro-ra-xi.html>

² A sigla que, inicialmente significava Curso Integral de Madureza da Asa Norte, pelo papel que desenvolvia, passou a ser o nome do atual colégio CIMAN.

³ A Escola Normal de Brasília (ENB) foi inaugurada em 29 de outubro de 1969 quando recebeu definitivamente em suas instalações o Curso Normal. Em suas dependências funcionava o Curso Normal de magistério e a escola de aplicação. http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Anais_IV_coloquio/COMUNICA%C3%87%C3%83O%208.pdf

Dessa época, lembro-me de estar sempre inserida em situações de resolução de conflitos seja em casa entre meus irmãos, ou na escola. Não sei se foi por conta disso, mas fui eleita representante de turma pela primeira vez na 5ª série, e continuei sendo eleita em todos os anos. Meus pais sempre disseram e gostavam de reforçar que eu gostava de promover a justiça, que poderia ser juíza.

Foi então na sexta série, aos 12 anos, que escrevi essa apresentação no meu caderno de redação:

Caro Leitor,

Não importa a idade que você tenha, ao ler este livro terá algumas surpresas. Isto lhe dará uma certa magia, pois sendo um conjunto de ideias de uma pequena escritora em datas e situações diferentes, traz em suas páginas expressões diversas.

Minhas fantasias, sonhos e esperanças voam livremente por essas páginas. Levada por impulsos fortes, próprios da juventude, às vezes protesto contra as injustiças sociais e tento despertar o Brasil para uma era de mais progresso⁴.

O mais inesperado (para mim) e, talvez por isso, o mais engraçado é que, ao ler este texto para meu pai sua fala foi “Você já era você”.

No mesmo ano em que escrevi este texto, participei, pela primeira vez, de uma célula de multiplicação que, como me explicaram, é um grupo de amigos e pessoas novas que conversam sobre assuntos atuais e cotidianos e observam o que a Bíblia traz a respeito de cada um deles. Fui convidada por uma companheira de célula da minha irmã e aceitei de primeira. Na primeira reunião, ao ouvi-la falando e com o término da oração, tive plena convicção de que era aquilo que eu queria ser, líder de célula.

Aos dezesseis anos, no ensino médio onde consegui bolsa integral, fui tia e nos mudamos para a chácara que antes visitávamos aos fins de semana; apenas, eu, meu pai, minha mãe e irmão. Foi um tempo difícil financeiramente, então eu ia de moto para a escola com meu pai e voltava de ônibus para sobradinho onde minha mãe me buscava, pois não havia (não há) transporte público para a região onde moro.

A viagem era longa e cansativa, ainda mais porque passava o dia na escola para estudar ou ir à natação, então comecei a pegar ônibus para o Paranoá, pois a distância que minha mãe dirigia de casa até sobradinho era a mesma se ela fosse me buscar no Paranoá, já que a área rural onde moramos se localiza entre as duas RAs.

Nessas voltas para casa comecei a conhecer um pouco da cidade. Mesmo sendo satélite a uma “cidade grande” como é Brasília, o Paranoá mantém um estilo de vida de

⁴ O progresso ao que me referia era uma mudança e não o ideal positivista usado na bandeira do nosso país.

“cidade do interior”, sempre há pessoas andando na avenida principal, a maioria parece se conhecer e se cumprimenta em meio à caminhada; nas sextas a noite muitos jovens na praça, nos bares e lanchonetes, dançam no meio da rua, atrapalham até a passagem dos ônibus.

No ano em que iria completar dezoito anos, fomos à Natal-RN, onde minha avó paterna voltou a morar depois do falecimento do meu avô em 1994, ela estava com câncer e também acabou falecendo. Recebi a notícia de aprovação no vestibular da UnB quando ela ainda estava doente e não tivemos nem ânimo para comemorar, mas pude contar a ela que ela teria a primeira pessoa da família em uma universidade pública e ela pareceu muito feliz.

Apesar de ter desejado cursar direito durante toda minha vida, na semana de recepção⁵ me apaixonei pelo curso, me identifiquei com o sincero interesse de todos em nos conhecer, de nos apresentar os lugares, etapas e siglas que desconhecíamos e amorosidade e paciência com que faziam isso.

Por outro lado fui muito confrontada em minha fé, comecei a me questionar sobre os caminhos que levam a Deus e os que levam à transformação social com que eu sempre sonhei. Depois de receber apoio de meus líderes espirituais (meus pastores) e de pessoas que encontrei na faculdade como a Nathália e a própria professora Shirleide, consegui conciliar as coisas.

No segundo semestre, já entrosada com os colegas da Faculdade, escolhi estar na turma de Projeto 2 do Professor Renato Hilário. Como disse no primeiro encontro do projeto, “ouvia falar muito bem do professor nos corredores e, especialmente, que apoia os estudantes”. Me senti muito a vontade em poder abraçar todos da turma antes de iniciarmos as atividades e fazer um abraço coletivo no fim, preparar um presente ou um lanche quando era o dia do meu grupo, também era algo agradável para mim, bem diferente do confronto que vivi em relação a minha fé no primeiro semestre.

Concomitante a esse lugar em que me encontrava

o curso de Pedagogia na UnB passava por um período de forte apatia política e pouquíssima participação na movimentação estudantil. Visto isso, restabelecer o Centro Acadêmico de forma a preencher os espaços de participação política e de discussão acadêmica apresentou-se como solução para alunos do curso que desde o semestre passado se reúnem na busca de articular essa possibilidade. A princípio não se pensava em formar-se uma chapa, mas apenas fazer acontecer uma eleição. Apenas no segundo semestre de 2011 conseguimos levantar uma comissão Eleitoral e os alunos que a princípio reuniram-se apenas

⁵ A semana de recepção acontece nos primeiros cinco dias letivos do curso. As atividades da semana são diversas com o objetivo de entrosar o aluno calouro aos colegas, à instituição e ao curso. No primeiro semestre de 2011 ela foi organizada e promovida somente pelos alunos de graduação mais antigos (veteranos) e já acontecia há 9 anos. Posteriormente ela passou a ser promovida em parceria com a direção da Faculdade de Educação.

para puxar uma discussão, sentiram-se interessados em compor uma Chapa. Nos dias 26 e 27 de outubro de 2011 acontecerão as eleições para a gestão do Centro Acadêmico Pedagogia do Oprimido e nós, agora chapa EducAtiva, estaremos concorrendo. Não temos a intenção de iludir os/as estudantes do curso nesta eleição! Temos claro que nossas propostas não são promessas, mas, sim, pautas de luta e de movimentação para com todos/as os/as estudantes. A nossa gestão não pretende tomar o CA para si, ou para interesse de seus membros e participantes, apenas organizaremos o acontecimento dessas mobilizações e intermediaremos a relação dos/as estudantes para com professores/as e direção. Temos, assim, exposto nosso principal objetivo: ser uma chapa que dentro de uma faculdade de EDUCAÇÃO ATIVA todos/as para participar das assembléias e lutas auxiliando no dia-a-dia da gestão. (CAPE, 2011)

Eu era parte desses alunos que não tinham intenção de participar do CA, mas foi em uma reunião deste mesmo projeto 2 em que os colegas falavam em responsabilidade política e que o descaso era tamanho que não sabíamos sequer o nome do secretário da educação, que me levantei e denunciei a situação do nosso centro acadêmico que estava abandonado e acabei me comprometendo a participar das reuniões e informar a turma. Eu e Nathália, no segundo semestre, sem experiência de movimento estudantil secundário, tendo sido apenas representante de turma, assumimos então a gestão do centro e permanecemos até o fim da gestão, consumidas por muita burocracia.

Neste mesmo semestre cursei a disciplina Organização da Educação Brasileira – OEB com a professora Shirleide Cruz e fui convidada a fazer parte também do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação de Professores e Pedagogos – GEPEFAPe e iniciei, com ela, uma pesquisa sobre concurso público para professores dos Institutos Federais e passei a observar a potencialidade da formação de professores na transformação social, que era meu maior interesse, pois estes são multiplicadores do processo transformador.

No momento da escolha do projeto 3, acreditava me identificar mais com a criança pequena, portanto, me matriculei no projeto 3 em educação infantil. Voltei a me encontrar com o GENPEX e o professor Renato Hilário para cursar o Projeto 4 e estagiar no Paranoá, local mais próximo de casa, mais especificamente, no Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – CEDEP⁶.

Nos próximos semestres na pedagogia, conheci Paulo Freire e sua proposta de uma educação com amor para a promoção da emancipação e autonomia. Ao longo do curso busquei uma profissionalização em uma práxis de amor sempre, para me formar assim e contribuir quando for já uma profissional.

⁶ No capítulo 1, descrevo melhor a gênese e funcionamento das atividades no CEDEP.

Não me preparei para esse dia e acho que também não há como se preparar, mas sinto que tem algo que me move, que me conduziu muitas vezes por caminhos que não planejei, como o curso que eu não ia escolher, as amizades que eu não pretendia fazer, os espaços que eu não pretendia ocupar, mas que foram me tecendo e formando o que será eternamente aperfeiçoado.

Estes caminhos, lugares e pessoas formaram um alguém. Que você precisa conhecer para entender este trabalho.

Quem sou eu

É bem difícil escrever. Quantas vezes te perguntaram quem você era, ou quantas vezes você mesmo se perguntou? Com certeza somente nesse ano devem ter sido inúmeras e mesmo agora enquanto lê, você deve estar se perguntando e, muito provavelmente, não tem resposta ou foi impulsionado (a) a dizer: Sou Tainara Rayanne da Silveira Vital (como você já leu na capa). Tenho 22 anos, estou concluindo o curso de pedagogia na Universidade de Brasília, atualmente não trabalho, sou líder de célula pelo Ministério Evangélico Sara Nossa Terra, membro de dois grupos de pesquisa e extensão na Faculdade de Educação, componente da equipe pedagógica do Programa Formação Integrada e Emancipadora – FORMANCIPA, caçula, filha de pais casados, irmã de Renan e Gessyca, mais velhos, moradora da área rural de Sobradinho.

Mas, como aprendi em um filme⁷, não somos nosso nome, nossa idade, cargo no emprego, instituição religiosa ou grupos, posição na composição familiar, onde moramos, etc. Existe algo de essência no que somos, que mesmo que estas funções mudem, essas características permanecem.

Cresci em meio a um ambiente de muito cuidado comigo, pois tinha meus pais, irmãos e a Marilene. De muita simplicidade também, mas já não de necessidade. Tínhamos o necessário. As pessoas da minha família sempre foram as pessoas com as quais eu mais convivi e que me tornaram tão naturalizada ao abraço. Percebo isso hoje no meu sobrinho, que para conversar com qualquer pessoa sempre fica no colo ou de braços dados.

Por mais que hoje eu seja uma mulher, ainda guardo características de menina, mesmo as pessoas sempre dizendo que sou muito madura para minha idade. Em um teste de idade mental na internet alcancei a idade de 27 anos e fui classificada como madura. Acredito que

⁷ Tratamento de choque, 2003. Filme dirigido por Peter Segal com Adam Sandler e Jack Nicholson como atores principais.

essa impressão das pessoas se deve ao fato de me portar bem em conversas ou socialmente em qualquer lugar. Desde que me lembro, sempre tive habilidade para me comunicar. Nunca fui tímida, até já tentei ser, pensava que era em público, mas percebi que só ainda não tinha tido a oportunidade de fazê-lo.

Mesmo assim, em alguns momentos, sou menina. Tenho atitudes próprias da juventude, um pouco irresponsáveis, inconsequentes, procuro agradar a mim mesma, fujo das situações difíceis e relaxar. Relaxar é algo que faço bem, inclusive. Sinto um excesso de confiança de que tudo ficará bem, sou otimista e aguardo. Acho que minha melhor qualidade é a paciência, dificilmente me frustro e, logo, não me irrita. Assim, estou sempre a entender todos.

Procuro ter a mente aberta, porque me lembro de quando entrei na escola e comecei a perceber que nem todos pescavam sempre como a minha família e/ou almoçavam juntos etc; se elas não tinham a mesma vida, não deviam ter o mesmo pensamento, decidi respeitar cada um e aprender o que era diferente e que me ajudasse a ser mais feliz. Acho que posso dizer-me bastante altruísta. Minha relação com os outros a minha volta é assim: sei quem sou, mas permito que cada um me atravesse e deixe um pouco em mim e me melhore. O que piora, eu me afeto e deixo passar.

Queria não me afetar, mas sim, sou dessas mulheres que choram. Choro com filmes românticos, cachorros machucados, encontros desmarcados, esperanças frustradas, amigas magoadas, família repartida, briga repetida, oração muito unvida. Choro por quase qualquer coisa, até de alegria. Mas existe algo pelo que sempre chorei, mesmo depois de crescida: choro pelas diferenças sociais. Não consigo entender como podia ser o que meu professor na sétima série disse quando desenhou um bolo no quadro, retirou $\frac{6}{8}$ dele e disse que essa parte pertencia a 20% da população e o restante à 80% da população que, em proporções desiguais, as vezes vivia em extrema miséria.

Desde então comecei a pensar em ser presidente do Brasil e promover uma divisão justa. No segundo ano do ensino médio, em uma aula de história, aprendi sobre as Assembleias Nacionais durante a Revolução Francesa e formação da direita e esquerda política, suas composições e ideologias. De cara me identifiquei com a esquerda, era a solução para o problema do bolo que me angustiava desde a sétima série. Lembro-me de na aula sugerir “professor, podemos então entrar no palácio e tomar da presidência a força?” dias depois fui procurada no corredor pelo professor que me explicou sobre forças armadas e que esse não era o caminho para a mudança que eu almejava.

Qual era o caminho então? Essa indignação nunca deixou de fazer parte de mim e com o tempo senti que ela explicava minha existência.

Mutatis Mundi

Muitas pessoas passam a vida inteira vivendo em prol de uma aquisição, uma posição, um cargo, uma responsabilidade. A cada objetivo alcançado, surgem outros ou, para alguns, a vida simplesmente perde o sentido. Por isso perguntar “De onde viemos?”, “Para onde vamos?” e, principalmente, “Porque nascemos?” é tão comum e são perguntas que datam desde o início da civilização humana, com os primeiros filósofos.

Sobre essas perguntas acredito que Marx diria “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras. O que importa é transformá-lo” (MARX, 1999, p 11-14 e p 125-128, *apud*, REIS, 2011, p 97).

Contei toda minha história e tentei encontrar nela o momento em que essa compreensão foi semeada em meu coração, também busquei por quais atitudes, pessoas e livros passei que regaram esse sentimento mantendo-o vivo, mas tenho claro o momento em que floresceu. Um dia olhei para o mundo e as suas injustiças e isso me feriu e eu quis ser parte da mudança, mesmo que anonimamente.

Desde então mudar o mundo é meu maior sonho, a princípio chamava-o de chamado/propósito, era um compromisso espiritual/religioso, como diria Renato. Na faculdade percebi que a maneira como poderia mudar as coisas seria pela participação política, por meio do Centro Acadêmico, representando as necessidades das pessoas. Passei a ter um compromisso político.

Com o GENPEX tive a oportunidade de fazer meu estágio no Paranoá e não só passar apenas observando pela janela do ônibus. Assistia às aulas por duas vezes na semana e acompanhava os alfabetizandos. Certo dia, uma das alfabetizadoras que era mãe da alfabetizadora que eu acompanhava precisou se ausentar e eu fiquei na turma dela.

Entrei na sala, me apresentei, justifiquei a falta da mãe de Maria e perguntei o que ela estava trabalhando com elas (a turma só tinha mulheres). Algumas me mostraram seus cadernos com atividades de completar as sílabas, como: BA, BE, BI, BO, BU e disseram ser muito fácil.

Estava bastante nervosa e, por mais que eu precisasse fazer aquilo algum dia, não estava preparada para ser naquele (e nem sei se algum dia acharia que estava). Comecei a me

recordar das formações promovidas pelo GENPEX e achei que seria uma boa estratégia começarmos pelas apresentações e estas, trazendo suas histórias de vida.

Ouvi cada mulher, já idosa, a maioria negra, contar a história de sua migração para o Paranoá e porque haviam sido afastadas da escola ou porque nunca a frequentaram. Registrei no quadro de onde cada uma havia vindo e depois começamos a conversar sobre escola.

Com o registro das cidades e estados de que elas vinham fiz um mapa do Brasil e nome de cada cidade em sua região. Perguntei a cada uma delas como era o clima onde moravam e agora em Brasília, dividi o mapa nas cinco regiões, mas não indiquei o nome. Deixei como tarefa que cada uma pesquisasse sobre as regiões e suas características e histórias.

Ao perguntar como eram as escolas de antigamente e as atuais, os relatos eram todos a favor de que houve uma melhora sem igual. Problematizei a situação perguntando se todos os filhos e netos daquelas senhoras estudavam e algumas disseram que não. Algumas tinham netos pequenos e não há creches públicas no Paranoá. Outras moram no Itapoã e o filho tem que vir ao Paranoá para estudar, então desistiu. Outras moram no Paranoá e não conseguiram vaga para os filhos, pois as escolas lotaram com alunos do Itapoã.

Depois dessa conversa, voltei a perguntar se as escolas atuais eram realmente boas e elas entraram em um acordo que atualmente o problema é a falta de escolas. Pedi que cada uma pensasse em uma solução para este problema e fui registrando no quadro as frases ditas por elas. Perguntei a quem essas ideias poderiam ser entregues e uma delas foi a direção das escolas.

Naquele dia ocorria um debate entre chapas para a direção da escola onde alguns dos filhos e netos dessas senhoras estudavam e elas não quiseram participar. Depois da construção da carta, algumas cogitaram participar do debate e colocar o documento como pergunta.

Ao terminar a aula, todas saíram elogiando muito a aula e pedindo que eu voltasse mais vezes. Perceber-me incrustada pelos elementos pedagógicos do GENPEX, usá-los tão naturalmente e a mudança na intenção de participação política de cada uma das alfabetizadas me deixou encantada. Percebi que grandes revoluções começam com pequenas mudanças e, para esta mudança, as formações às quais participei e que outros alfabetizadores podem participar, foi essencial e é nisso que quero ajudar.

PARTE 2
ESTUDO MONOGRÁFICO

Introdução

O presente trabalho é parte da ação do Projeto de Alfabetização de jovens e adultos na região administrativa do Paranoá, no Distrito Federal. A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo descrever o processo de formação dos alfabetizadores e das alfabetizadoras realizado pelo Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão Popular e Estudos Filosóficos e Históricos e Culturais - GENPEX. O interesse pela temática se deu pela participação no projeto de alfabetização⁸ possibilitada pela organização curricular do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

O curso de Pedagogia na FE/UnB teve seu currículo reorganizado em 2000, adiantando-se à formulação das diretrizes curriculares do curso de pedagogia, as quais propõem:

A organização curricular do curso de Pedagogia oferecerá um *núcleo de estudos básicos*, um de *aprofundamentos e diversificação de estudos* e outro de *estudos integradores* que propiciem, ao mesmo tempo, amplitude e identidade institucional, relativas à formação do licenciado. Compreenderá, além das aulas e dos estudos individuais e coletivos, práticas de trabalho pedagógico, as de monitoria, as de estágio curricular, as de pesquisa, as de extensão, as de participação em eventos e em outras atividades acadêmico-científicas, que alarguem as experiências dos estudantes e consolidem a sua formação. (2005, p.10, *grifo meu*)

Isto é, propõem a criação de três núcleos: a) O núcleo de estudos básicos; b) o núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos; c) o núcleo de estudos integradores. A FE/UnB alcança essa organização na medida em que cria: a) as disciplinas obrigatórias; as quais à época davam conta da principal base da formação do pedagogo, tendo em vista os lugares que atuava b) as disciplinas optativas; espaços curriculares onde a matrícula é opcional, sendo assim, serve de aprofundamento, aos interessados no tema; mas também são diversificados, a medida em que estes temas podem ser diversos c) os projetos; um espaço em que, a partir da extensão, é possível que o ensino e a pesquisa tornem-se práxis (sendo a reflexão em cima da teoria diversa adquirida no núcleo de estudos básicos) e o pedagogo possa ser formado nela.

Os projetos funcionam como eixo dorsal da formação do pedagogo, na FE/UnB, iniciam como projeto de pesquisa do aluno que o desenvolverá ao longo de todo o curso de graduação. Algumas vezes o grupo de professores que orientam projetos de pesquisa, dentro

⁸ Projeto de Alfabetização e Formação em Processo de Jovens e Adultos de camadas Populares do Paranoá/DF.

de uma determinada área, acaba criando grupos de ensino, pesquisa e extensão. Ou seja, o aluno não precisa percorrer só, em sua caminhada de pesquisa.

No currículo de pedagogia há a possibilidade de se matricular junto ao projeto de pesquisa: Projeto de Alfabetização e Formação em Processo de Alfabetizadoras (es) de Jovens e Adultos de Camadas Populares do Paranoá (DF), o qual é realizado por vários sujeitos (alunos de graduação, pós graduação, professores, participantes do movimento popular, etc) que compõe o Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Popular e Estudos Filosóficos e Histórico Culturais – GENPEX.

Apesar da participação no currículo da pedagogia, o grupo não surge no meio acadêmico, mas da necessidade de organização dos participantes do projeto de alfabetização no Paranoá, em resposta a demanda do movimento popular, organizado pelo Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – CEDEP⁹.

O diferencial da práxis pedagógica (que não é só de alfabetização, mas de educação) do grupo é estendido a outras regiões administrativas do DF, com outras atividades, por exemplo: o trabalho com os jovens da casa de semiliberdade em Taguatinga Sul ou a parceria com o PROEJA TRANSARTE¹⁰ no Centro de Ensino Médio – CEM - 03 de Ceilândia.

Mas que diferencial é esse? Descobrir o por quê deste diferencial constitui os objetivos do GENPEX, chamado de aporias e uma delas refere-se à formação em processo de alfabetizadores.

APORIA 2

Uma formação de alfabetizadores em processo e uma alfabetização de jovens e adultos, ancorados em uma intencionalidade amorosa-política-epistemológica-pedagógica¹¹ acordada entre uma organização popular e uma universidade, ou seja, uma ação político-pedagógica hegemonicamente situada na sociedade civil (mesmo com alguma participação da sociedade política) pode ser diferenciada ou diferenciadora em relação a processos de alfabetização de jovens e adultos (de iniciativa da sociedade política ou não)? (REIS, 2000, p 63)

⁹ No capítulo 1, descrevo melhor a gênese e funcionamento das atividades no CEDEP

¹⁰ PROEJA TRANSARTE –projeto que busca identificar os fundamentos arte no espaço virtual, trabalhando com a diversidade cultural dos estudantes jovens e adultos, enquanto criadores da arte no ciberespaço. http://forumeja.org.br/df/files/DOCdf_%20X_I%20ENEJA.pdf (2009, p 19)

¹¹ “Intencionalidade amorosa-política-epistemológica-pedagógica, conforme cap. 1: ação alfabetizadora que intenciona não só uma apropriação da leitura, escrita e cálculo em sentido estrito, mas, também apropriação intrínseca a um processo de aprendizagem e desenvolvimento, situado na contradição das relações sociais vividas e enfrentadas pelos vários sujeitos participantes do processo alfabetizador. Nesse processo, se constituindo praxicamente a auto-transformação de cada sujeito. Sua transformação na relação com o outro ou, outros. E a transformação desse outro ou desses outros, reciprocamente, com esse sujeito. E toda essa transformação do sujeito e de sujeitos, sendo constituída e constituindo o contexto histórico cultural em que estão inseridos.” (REIS, 2000, p 63)

É nesta aporia que se insere este trabalho, ele busca descrever a formação em processo de alfabetizadores e alfabetizadoras observando a base teórica amorosa-política-epistemológica-pedagógica nele presente. O grupo também tem um caráter de pesquisa e desde 2000 está registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Científico – CNPq. Tem como objeto de estudo as aporia descritas no Projeto Integrado de Pesquisa do GENPEX (2014).

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, organizados da seguinte forma: o primeiro capítulo traz o histórico da luta em prol da fixação do Paranoá¹², paralelo a esta conquista surge o projeto de alfabetização, como iniciativa popular e depois esta aproxima-se da Universidade. Entenderemos como este histórico desenvolveu uma concepção própria de alfabetização e formação de alfabetizadores.

No segundo capítulo são apresentados os princípios teóricos que norteiam todo o projeto, que tem como aporia principal a identificação de indícios da formação de sujeitos amorosos, políticos e epistemológicos. Estes princípios também norteiam a formação de alfabetizadores e são utilizados na análise das etapas de formação.

As etapas do processo formativo de alfabetizadoras e alfabetizadores são descritas discriminadamente no capítulo 3, dividido em períodos de 1989 a 2010 sob o qual o projeto estava sob coordenação apenas do CEDEP em parceria com a UnB, por meio do GENPEX e de 2011 a 2014, período em que o DF Alfabetizado¹³ foi implementado pelo Governo do Distrito Federal – GDF - e a alfabetização passou a ser promovida pelo CEDEP/UnB em parceria com o GDF.

O quarto capítulo traz a análise das descrições a luz dos princípios formativos utilizados no projeto, tentando observar: as etapas dos processos formativos tem a possibilidade de contribuir para a formação de um sujeito de amor-poder-aaber, como espera o projeto? De que forma? E o que pode ser auxiliar no melhor desempenho da busca por esse objetivo?

Temos assim exposto o objetivo principal deste trabalho, que é: descrever os processos formativos de alfabetizadoras e alfabetizadores do Projeto Paranoá, como foi apelidado; bem

¹² Uso o termo fixação pela repetição deste nos escrito de REIS (2000) e na fala da moradora Lurdes, entrevistada por ele. O termo refere-se à demarcação das terras e o reconhecimento dela como cidade (atualmente região administrativa), o que foi conquistado com o Decreto n. 11.208 de 17 de Agosto de 1988, como veremos no Capítulo 1.

¹³ DF Alfabetizado é a regionalização de um projeto do Governo Federal do Brasil chamado ‘Brasil Alfabetizado’, o qual tem vários objetivos, dentre eles erradicar o analfabetismo de jovens e adultos no Brasil.

como os objetivos específicos: identificar indícios de contribuição da formação de sujeitos de amor-poder-saber, descrever os momentos de formação situando-os historicamente, identificar aproximações e distanciamentos entre a formação promovida em cada período.

Encontrei, devido a esta pesquisa, com pelo menos cinco diferentes concepções de formação de professores: acadêmica, tecnológica, personalista, prática e social-reconstrucionista. A perspectiva acadêmica enfoca o domínio do conteúdo; a tecnológica, conhecimento e destrezas necessárias para investigar processo e produto; a personalista, na formação de um indivíduo com autoconceito positivo, maduro pessoal, profissional e processualmente; a prática, na experiência e na observação, tradicionalmente por tentativa e erro ou por meio da reflexão; a social-reconstrucionista, na transformação de conceitos de ensino-aprendizagem, gestão de classe, poder, sociedade, cultura (GARCÍA, 2005).

A professora Kátia Curado destaca três concepções: técnica, neotecnista e crítica-emancipadora. A técnica privilegia o treinamento; a neotecnista, o domínio do conteúdo e a resolução dos conflitos cotidianos da escola e a crítica-emancipadora, construção da indissociabilidade entre a teoria e a prática. Esta última, que coincide com a concepção social-reconstrucionista de Carlos Marcelo García, marca princípios e coordenadas “para delinear um projeto de formação de professores que esteja a serviço de uma educação “desinteressada”, ou seja, para além das necessidades imediatas do mercado” (GRAMSCI, 2000, *apud* CURADO, 2011).

A concepção de formação do professor coincide com a concepção de educação. Rocha propõe que “para avançar, a prática docente precisa ser politicamente organizada, e que os movimentos sociais nos mostram historicamente e conjunturalmente como um espaço de formação política (...) do docente” (2013, p 65), ou seja, que a formação de educadores vai além da disponibilização de conteúdos e práticas e que os movimentos sociais, inclusive, podem ser o espaço de uma formação de um educador consciente das relações políticas¹⁴.

Reis (2010) coaduna com essa ideia ao defender uma educação transformadora formadora de sujeitos de saber (formação apropriada e desinteressada em relação ao mercado), poder (atuação política) e amor. Freire “relaciona amorosidade e diálogo com outros elementos, tais como o respeito, a humildade, a fé e a esperança, afirmando que é impossível dialogar, em sentido autêntico, sem um profundo amor aos outros homens e ao mundo.” (NASCIMENTO, AZEVEDO e GHIGGI, sd).

¹⁴ A concepção relações políticas adotada neste trabalho é “o conjunto das relações de poder vividas na sociedade” (RESES, 2008)

Pesquisas nesse campo são importantes, pois têm revelado dados significativos para uma formação de educadores estruturada em bases de uma educação emancipadora e propiciadora de relações de saber, poder e amorosidade para sujeito. Ou seja, é um modelo de formação didático-pedagógico, que se preocupa em completar efetivamente a formação para ir além do domínio específico dos conteúdos da área de conhecimento, contrariando um projeto de formação de professores, que se alia a mecanismos do tipo treinamento em serviço, como nos explica Saviani (2009).

Para realizar essa pesquisa foi necessário imergir no dia-a-dia da alfabetização do Paranoá, modificar e ser modificado por cada experiência de formação. Depois da experiência, foi necessário conhecer o início dessa prática e entender como ela foi se formando. Foi realizado, então, um levantamento bibliográfico da história da Alfabetização e, logo, da própria Vila Paranoá. Os registros de vários participantes do GENPEX apresentavam lacunas quanto à formação, então, foi necessário recorrer à entrevista. Com esta foi possível descrever a formação de 1989 à 2003. O período de 2003 à 2011 foi construído pelos relatos descritos em ata dos fóruns de formação, disponíveis por email para todos integrantes do grupo, diário de bordo, elaborados por mim no período em que cursei o projeto 4, e relato de experiência, colhidos dos integrantes do grupo por meio dos diários de bordo.

A revisão bibliográfica foi submetida a busca do termo formação e disponibilizou elementos sobre a formação praticada de 1969 a 2003. Estes elementos, porém, não descreviam por completo como esta se dava. A entrevista foi transcrita e submetida à análise do discurso. Os dados produzidos pelos dois procedimentos foram classificados no que consideramos ser componentes da formação, sendo estes: *formação inicial, formação continuada, formação “em processo”, formação política, aprofundamento, objetivos, convênio, perfil dos alfabetizadores, reunião do GENPEX e fórum*. Percebeu-se que a nomenclatura destes foi alterada ao longo do tempo, quando não a sua própria função, característica e funcionamento. Para organizar estes componentes respondendo quais são os espaços, tempos (cronológico e histórico), cronograma e conteúdo das formações foram identificadas as categorias: *espaço/tempo e currículo da formação*.

A primeira categoria trata-se de especificar o local, dia e hora que se dá cada um dos elementos identificados, mas também expõe o tempo histórico dessa ação. No caso, se ela ocorreu antes ou depois do início do convênio do CEDEP com a Secretaria de Educação – SEE/DF. A segunda categoria apresenta não somente os conteúdos trabalhados em cada

formação, semelhante a um currículo, ela apresenta os objetivos das formações e seus cronogramas ao longo do tempo.

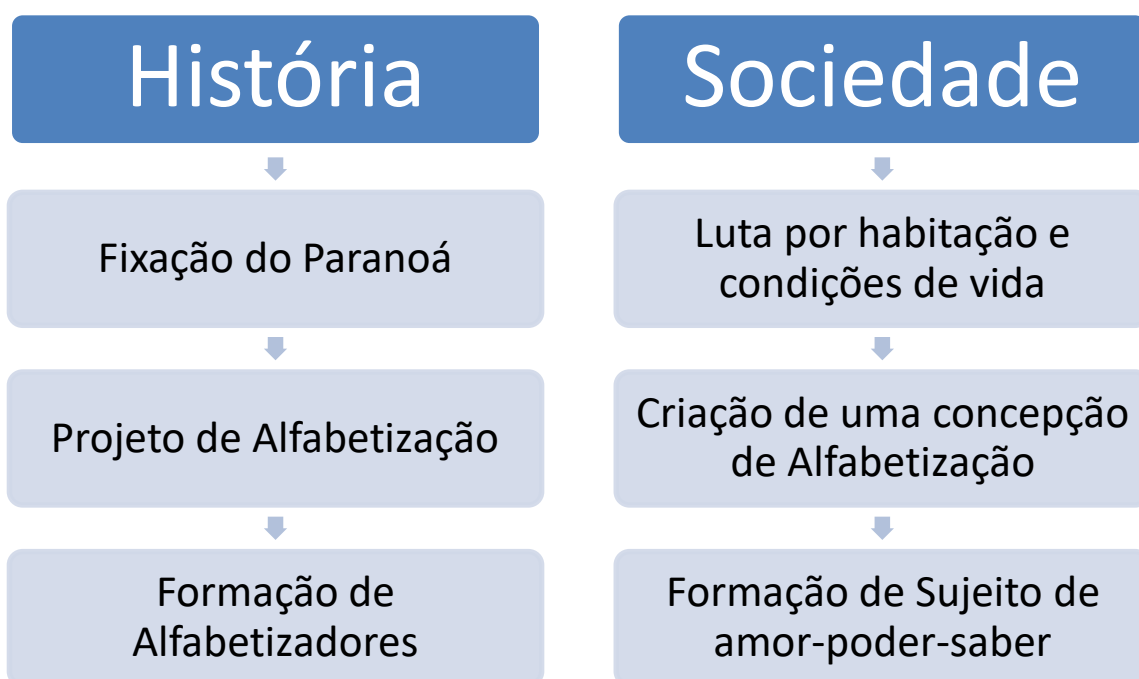
Com as categorias, foram produzidos 4 organogramas: o primeiro esclarecendo o espaço/tempo de formação antes do convênio e o segundo, depois do convênio. Os outros dois tratam do currículo; o terceiro antes do convênio com o Programa Brasil Alfabetizado ofertado e gerido pela Secretaria de Educação e o quarto, depois do convênio. Estes foram comparados e submetidos a uma análise de aproximação com o objetivo do projeto e a partir dele foram colhidas contribuições para seu melhoramento.

Para alcançar essa descrição completa do modelo de formação do GENPEX, apresentar-se-á as bases teórico-metodológicas da proposta, analisar-se-á relatos e bibliografias das formações promovidas pelo GENPEX e por fim, discutir-se-á os principais elementos formativos do GENPEX propondo avanços.

Capítulo 1 – A história de fixação do Paranoá e a concepção de formação do CEDEP\UnB

Neste capítulo apresentaremos o histórico da fixação do Paranoá e a sua relação com o surgimento do projeto de alfabetização de jovens e adultos e, logo, da formação de alfabetizadores. Apresentaremos esses tópicos de acordo com a sequência observada ao longo da história, organizada no quadro abaixo em processos históricos e sociais que são paralelos.

Quadro 1 - História do Paranoá e sua influência



Fonte: da autora.

Com este estudo pôde-se identificar que a história de fixação da Cidade Paranoá deu origem ao projeto de alfabetização e este teve a necessidade da existência das reuniões de formação de alfabetizadores. Paralelo a isso se identificou a história de fixação do Paranoá como um momento de luta de classes que gerou uma concepção de alfabetização diferenciada, a alfabetização para “ler e escrever discutindo e encaminhando a solução dos problemas da comunidade” (REIS, 2011, p 31), esse tipo de alfabetização não pode ser promovida por métodos tradicionais de ensino, por isso, é necessário a formação de sujeitos amorosos, epistemológicos e políticos, não apenas alfabetizadores.

A história do Paranoá se confunde com a história de muitos de seus moradores como também se confunde com a história da alfabetização de jovens e adultos. Essa afirmação foi referendada, por Lurdes, moradora e dirigente do movimento popular do Paranoá, em relato registrado no livro de Reis (2011, p 12 - 47) ‘A constituição do sujeito de amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos’.

Durante o enfrentamento da polícia e a derrubada de barracos pela TERRACAP - que tentava erradicar os moradores do antigo acampamento de obras, construído em 1957, para os engenheiros e as famílias dos pedreiros que construíram a barragem do lago Paranoá – o grupo de jovens local começa a participar da liturgia da missa, a se reunir para conversar, aprender as músicas da igreja, se divertir. Até porque não havia muito que se fazer no Paranoá dessa época¹⁵ e, por isso, o grupo foi aumentando e as reclamações sobre as condições de vida nas conversas também.

Alguns insatisfeitos com a associação de moradores, que servia mais a interesses pessoais do que coletivos, fundaram no fim da década de 70 o Grupo Pró-Moradia junto com os jovens do Turma Unida Comunicando o Amor - TUCA 2 –, que surgiu do grupo de jovens que frequentavam as missas e se interessaram por ir à rua, visitar as casas, conhecer as pessoas e suas realidades. O TUCA 1, manteve-se ligado à liturgia em suas visitas, já o TUCA 2 incrementou o Grupo Pró-Moradia marcando reuniões sobre moradia ao celebrarem novenas de Natal na casas [barracos] das pessoas.

O primeiro contato da cidade com a Universidade foi em 1980 quando esta adere ao Projeto Rondon¹⁶ que contava com alguns professores que desenvolviam trabalhos na área de saúde, artes, entre outros junto ao Paranoá. Na década de 80 o Grupo Pró-Moradia já havia percebido, em suas negociações e embates com o governo (como a Lurdes coloca), que, apesar de estarem organizados, precisavam ser institucionalizados para terem autoridade na luta. Montaram então uma chapa, venceram as eleições e assumiram a associação de moradores organizando-se em comissões: água, educação, cultura e imprensa.

¹⁵ Atualmente o Paranoá conta com 69 áreas de lazer. (AMORIM e VITAL, 2013) O dado de áreas de lazer atual é um estudo feito na disciplina de educação em geografia, com base nos dados concedidos pela administração regional.

¹⁶ O Projeto Rondon, coordenado pelo Ministério da Defesa, é um projeto de integração social que envolve a participação voluntária de estudantes universitários na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliem o bem-estar da população. No link <http://projektorondon.pagina-oficial.com/portal/index/pagina/id/343/area/C/module/default> acessado em 26/11/2014.

Foi a comissão de educação que procurou a Fundação Educacional do Distrito Federal – FEDF¹⁷, cobrados pelos moradores que queriam continuar a aprender quando o MOBREAL¹⁸ foi extinto depois de 4 a 6 meses de sua implementação no Paranoá. Enquanto de um lado a associação discutia com a FEDF o apoio, de outro lado o Padre José Gálea cedia espaço na igreja para a montagem de uma turma de alfabetização dessas pessoas que tinham vontade de aprender a ler e escrever e mudar de vida. Nem mesmo a diretoria de ensino supletivo, na época, da SEE/DF apoiou a iniciativa dos moradores do Paranoá, então os jovens tiveram que insistir na luta pela institucionalização do projeto de alfabetização, paralelo à luta pela fixação do Paranoá.

No década de 80 a legislação que vigorava era a Lei 4.024 que fixava as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB aprovada em 20 de dezembro de 1961. Com isso, a educação promovida para pessoas em idade série defasada era promovida apenas por meio de cursos supletivos, os quais são descritos na referida Lei, como podemos observar no Artigo 27°:

Art. 27. O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que o iniciarem depois dessa idade poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento. (BRASIL, 1961)

Mesmo contemplado na lei, o Paranoá não tinha um curso supletivo, os jovens e adultos ficavam então desamparados de educação e limitados para procurar outras iniciativas alternativas onde pudessem ser alfabetizados.

Ainda insistentes em realizar a alfabetização por meio do movimento popular, a comissão de educação da associação de moradores encontra uma iniciativa comunitária de alfabetização de jovens e adultos no Gama. Souberam pela professora Glória, da Faculdade de Ciências da Saúde – FS/UnB, e por algumas assistentes sociais que trabalhavam no Paranoá, que a professora Marialice Pitaguary, da FE/UnB, coordenava este projeto. Reuniram-se com ela na UnB uma vez, mas só foi quando ela visitou a Vila Paranoá e viu uma multidão de pessoas interessadas em aprender e discutir educação, que decidiu se engajar na iniciativa e levar seus alunos e alunas.

¹⁷ A FEDF era a diretoria Executiva da Secretaria de Educação do DF – SEE/DF. Atualmente esta secretaria esta dividida em Subsecretarias de **Planejamento, Acompanhamento e Avaliação Educacional – SUPLAV, Infraestrutura e Apoio Educacional – SIAE e de Modernização e Tecnologia – SUMTEC. A maioria das Regiões Administrativas do DF conta com uma coordenação própria ligada à SEE/DF. Não existem mais diretorias.** <http://www.se.df.gov.br/sobre-a-secretaria/quem-e-quem.html>

¹⁸ Movimento Brasileiro pela Alfabetização

No segundo semestre de 1986 acontece a primeira formação de alfabetizadores no Paranoá, organizada e chamada por Marialice de “treinamento de monitores” e acontecia da seguinte forma “os alunos da UnB ministravam aulas e a gente [Lurdes e seu grupo] observava. Fazíamos uma avaliação crítica e no outro dia assumíamos a aula e aí era o pessoal da universidade que fazia a avaliação crítica de nossa atuação” (REIS, 2011, p. 30). Os espaços onde funcionava o ‘Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos’, como ficou conhecido, eram comunitários como a igreja, o barracão do Projeto Rondon e o Salão das Bandeirantes.

Em 1987, com apoio da UnB, a associação de moradores procura o diretor da Escola 01 do Paranoá, na tentativa de incorporar este espaço na promoção de alfabetização de jovens e adultos. A parceria deu certo no início, mas depois os professores da secretaria, que não eram da região, começaram a se incomodar com a presença de pessoas do movimento popular e de alunos da UnB dentro da sala de aula. Além do mais, não estavam a par da luta que os moradores enfrentavam e que ainda não havia sido solucionada: a questão da fixação do Paranoá e da alfabetização como um meio de organização e encaminhamento das demandas do movimento popular. Essas discussões não podiam ficar de fora das aulas e os professores da secretaria não se acostumavam com isso. Então, a alfabetização de jovens e adultos voltou para o espaço comunitário.

Observamos que, mesmo garantido em lei à época a LDB 4024/61, a educação de jovens e adultos restrita em sua maioria em cursos supletivos (BRASIL, 1961) esta não podia ser exercida, a começar pela resistência das escolas (comunidade escolar: professores e demais funcionários, não apenas o diretor) que não ofereciam o espaço para receber projetos educativos como esse.

No fim da gestão da associação de moradores, os jovens conseguem conquistar a fixação do Paranoá por meio do Decreto n. 11.208 de 17 de Agosto de 1988, ao qual Lurdes atribui o mérito “à mobilização e organização da comunidade e à pressão que esta exercia” (REIS, 2011, p. 42). Eles saem da associação, mas não abandonam a alfabetização, nem as atividades culturais – que era canal de denúncia da prefeitura comunitária¹⁹ e da nova gestão da associação de moradores. Porém

o nosso trabalho ficou solto, nós ficamos soltos. Ficou um grupo de monitores [alfabetizadores], junto com a Universidade de Brasília, fazendo um trabalho que de novo estava fora da associação de

¹⁹ Prefeitura Comunitária foi uma instituição alternativa criada pelos jovens do antigo Grupo Pró-moradia, depois de saírem da associação de moradores. Saíram não por voto, mas por uma determinação do governo da época que indicou quem seria a gestão da associação de moradores.

moradores, da comunidade e nunca foi assumido nos termos que queríamos pela Fundação Educacional. Ficamos discutindo uns dois ou três meses. E foi aí que se teve a ideia de criar uma instituição, vamos dizer, um apoio, um suporte jurídico e político a esses trabalhos que já estavam estruturados. Criamos então o CEDEP, Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá. (p.45)

É criado então o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – CEDEP, uma instituição de cunho estritamente popular, onde a comunidade poderia se expressar e se organizar independente de gestão. Seu objetivo, a princípio era dar continuidade as atividades culturais que a antiga gestão da associação de moradores promovia, abraçando também a alfabetização.

O professor Renato Hilário dos Reis assume o projeto “Alfabetização e formação em processo de alfabetizadores de jovens e adultos de camadas populares” em 1989, após essas conquistas, quando a professora Marialice, por motivos de saúde retorna a sua cidade de origem, Ouro Fino – MG. Inicialmente ele faz um levantamento oral e documental com dirigentes do movimento popular, alunos e professores da UnB e alfabetizadores, produzindo um relatório com encaminhamentos para o procedimento metodológico-pedagógico a ser realizado agora pelo CEDEP em conjunto com a UnB, chamado: Alfabetização, discussão e encaminhamento de soluções aos problemas enfrentados pelos moradores da Vila Paranoá (1990).

Assim que Renato assume o projeto, ele convida alunos de graduação para auxiliá-lo. A atividade dos alunos de graduação no projeto era de observação/participação nas aulas. Então a formação de alfabetizadores deixou de ser treinamento e passou, inicialmente, a acontecer em sala de aula a partir do acompanhamento desse aluno de graduação (REIS, 2000, p 51). Mais a frente as formações começaram a acontecer num espaço tempo reservado para isso, em reuniões de formações nos fóruns, as quais ocorrem até hoje.

Os vários alunos que já participaram do projeto e hoje estão formados, atuam como pedagogos em várias áreas, assim como os novos alunos, outros professores, novos e antigos alfabetizadores compõem o GENPEX. O grupo teve origem no projeto Paranoá, mas não se restringiu a ele, a partir de sua concepção de pesquisa-ação, por meio da extensão, levou a concepção de educação transformadora para Taguatinga, na Unidade de Semiliberdade, em 2008 e para o Centro de Ensino Médio – CEM 03 de Ceilândia junto ao projeto PROEJA TRANSIARTE, em 2007.

Junto à Faculdade de Educação – FE/UnB seu vínculo institucional é como parte integrante do projeto acadêmico, como opção de matrícula em projeto 3 e 4. Esta

institucionalização contribuiu para que as reuniões de preparo de apresentação ou proposição de discussões ao fórum, que aconteciam na UnB coma a participação de alfabetizadores (as), coordenadores (as) e alunos de graduação em diferentes dias da semana em vários horários (ver ANEXO I – p 7), precisasse se estabelecer em um dia e horário fixos. Foi o que aconteceu, atualmente as REUNIÕES DO GENPEX, como ficaram conhecidas, acontecem todas as quintas-feiras na UnB das 19 às 22h, contam com a participação do professor coordenador, alunos de graduação, mestrado e doutorado, alunos bolsistas e participantes externos. Tem como princípio o exercício da amorização, do poder e da produção do saber e a formação de formadores.

Dez anos depois da reformulação do currículo de pedagogia

o curso de Pedagogia na UnB passava por um período de forte apatia política e pouquíssima participação na movimentação estudantil. Visto isso, restabelecer o Centro Acadêmico de forma a preencher os espaços de participação política e de discussão acadêmica apresentou-se como solução para alunos do curso que desde o semestre passado se reúnem na busca de articular essa possibilidade. A princípio não se pensava em formar-se uma chapa, mas apenas fazer acontecer uma eleição. Apenas no segundo semestre de 2011 conseguimos levantar uma comissão Eleitoral e os alunos que a princípio reuniram-se apenas para puxar uma discussão, sentiram-se interessados em compor uma Chapa. Nos dias 26 e 27 de outubro de 2011 acontecerão as eleições para a gestão do Centro Acadêmico Pedagogia do Oprimido e nós, agora chapa EducAtiva, estaremos concorrendo. Não temos a intenção de iludir os/as estudantes do curso nesta eleição! Temos claro que nossas propostas não são promessas, mas, sim, pautas de luta e de movimentação para com todos/as os/as estudantes. A nossa gestão não pretende tomar o CA para si, ou para interesse de seus membros e participantes, apenas organizaremos o acontecimento dessas mobilizações e intermediaremos a relação dos/as estudantes para com professores/as e direção. Temos, assim, exposto nosso principal objetivo: ser uma chapa que dentro de uma faculdade de EDUCAÇÃO ATIVA todos/as para participar das assembléias e lutas auxiliando no dia-a-dia da gestão. (CAPe, 2011)

Eu era parte desses alunos que não tinham intenção de participar do CA, mas foi em uma reunião do projeto 2 em que os colegas falavam de transformação social, responsabilidade política e que o descaso era tamanho que não sabíamos sequer o nome do secretário da educação, que me levantei e denunciei a situação do nosso centro acadêmico que estava abandonado e acabei me comprometendo a participar das reuniões e informar a turma. Eu e Nathália, uma colega da faculdade, no segundo semestre, sem experiência de movimento estudantil secundário, tendo sido apenas representante de turma, assumimos a gestão do centro e permanecemos até o fim da gestão e mesmo quando ela foi prorrogada, consumidas por muita burocracia a semelhança do que aconteceu com Lurdes e seu grupo no Paranoá.

Ficamos presos às exigências de ser governo e cumprir suas determinações legais e burocráticas. Com isso, a alfabetização de jovens e adultos, o contato com pessoas da comunidade, a mobilização, ficaram praticamente de lado: nosso tempo ficou absorvido atendendo às tarefas mais imediatas do governo. Perdemos a relação de base que sempre tivemos com a comunidade. (REIS, 2011, p.66)

Assumi e sai (da gestão, mas não deixei de participar) do CA, mas continuei com a curiosidade de como seria atuar em uma das frentes e participar do GENPEX. Finalmente no segundo semestre de 2013, quando eu cursava o sexto semestre, pude organizar minha grade horária e me matricular em Projeto 4, que é a etapa do estágio obrigatório de pedagogia. Escolhi estar na frente Paranoá/Itapoã por ser perto de casa, mas também porque o exercício do amor nunca faltou nas reuniões de avaliação às quintas na UnB e o mesmo espírito se fazia presente nas reuniões do CEDEP e nas aulas de alfabetização. Não tive como não me apaixonar. Acreditava na mudança que o projeto podia proporcionar e a ferramenta amor, foi o que me comissionou a permanecer. Daí nosso interesse em desenvolver a presente pesquisa.

1.1. Perfil dos (as) alfabetizadores (as):

As alfabetizadoras não chegaram ao projeto da mesma forma, havia uma espécie de seleção simplificada pelas instituições parceiras do CEDEP, que indicavam as monitoras aos dirigentes do movimento popular, ou as orientavam a procurar o projeto, pois

Desde o início, a nossa ideia foi de que nós não fizéssemos a alfabetização de jovens e adultos sozinhos. Daí o esforço de que as monitoras [alfabetizadoras] fossem indicadas pelas várias instituições governamentais e não governamentais do Paranoá. Essa indicação tem sido conseguida na maioria das vezes. (REIS, 2011, p.61)

A seleção tinha requisitos tais a disponibilidade para desenvolver a alfabetização junto aos moradores, sem uma garantia prévia de remuneração e a experiência em participação comunitária, o que era mais difícil de se encontrar.

Em virtude da dificuldade de se conseguir pessoas com experiência prévia de participação comunitária, passamos a receber pessoas que pelo menos estavam iniciando essa participação. E, em alguns casos, até sem ter participação. E aí reside uma diferença que falo da minha própria experiência. Eu não passei a alfabetizadora assim por nada. quer dizer, foi em cima de uma necessidade, de um processo de discussão e participação na comunidade que eu passei a ter a necessidade de trabalhar naquele movimento de alfabetização, enquanto pessoa que queria ajudar na transformação de outras

pessoas. E, dessa forma, poderem atuar junto com outras pessoas na organização popular. A gente não pensava, não pensa em formar monitores para serem apenas alfabetizadores. E essa é uma grande questão.” (REIS, 2011, p.64-65)

Podemos aqui identificar que a formação não pretende ser para a constituição de alfabetizadores apenas, preocupa-se assim, com os educandos, com a constituição, intencional de sujeitos amorosos, políticos e epistemológicos, sobre os quais falaremos no capítulo a seguir.

Também podemos afirmar que a formação acadêmica dos (as) alfabetizadores (as) do início do projeto é que “a maioria deles tem o segundo grau. Alguns tem o primeiro grau ou cursam o segundo grau.” (REIS, 2011, p.61) Como é o caso de Eva e Creuza, como vemos no trecho da entrevista registrado em Reis (2011)

Eva, o que leva você a voltar ao projeto de alfabetização depois de concluir o ensino médio?

A necessidade de dar continuidade ao projeto. De vez em quando eu faço metas. Coloco essas metas em um caderninho, para tentar cumprir. As metas que fiz há três anos atrás eram: procurar um trabalho remunerado em que eu tivesse satisfação e procurar um trabalho comunitário, coisa de que eu sentia necessidade. Eu queria uma coisa solta, sem cumprir horário, sem responsabilidade de cumprir direito. Um dia eu fui à administração do Paranoá e encontrei o João do Violão que me perguntou se eu não queria fazer parte do Projeto do CEDEP. Ele disse assim: “Eva, porque você não faz parte do projeto de alfabetização do CEDEP?” Isso, no ano de 1998. Eu respondi: “Vou pensar!”. Aí ele disse mais: “Pensa mesmo... o projeto está precisando de pessoas como você, ainda mais que você acompanhou a derrubada dos barracos. Você acompanhou tudo.” Eu fiquei pensando uns dias e decidi: “Ah! hoje eu vou à escola”. Encontrei uma amiga que me disse do projeto e da existência de vaga na escola da quadra 26, e ainda da ajuda de custo de 200 reais. Esses duzentos reais pra mim não tinha validade, porque eu tinha comércio. Fui à escola da quadra 14 e lá encontrei a Creuza, que está no projeto há muitos anos e me perguntou: “Você veio indicada por quem?” “Não. Eu conversei com o João do Violão e ele me sugeriu procurar o projeto”. Creuza, então disse: “Tem uma vaga, sim”

Como você se descobriu alfabetizadora?

A Creuza me colocou junto à Lúcia. Pensei que não ia dar conta de ser alfabetizadora. Como eu vou fazer os planejamentos? Aí eu voltei ao tempo que fui alfabetizanda, em 1986, na primeira turma, ou seja, doze anos antes. Até então eu não tinha descoberto, nem observado que fui alfabetizanda e que já estava ali como alfabetizadora. Ficava aquele negócio assim dentro de mim, de não saber nada. Eu ficava só atrás da alfabetizadora para aprender.

No segundo dia, eu já fui ensinando os alunos, passando de mesa em mesa, sentando junto deles, fazendo um trabalho de acompanhamento.

Ao voltar para casa, eu mesma fiquei surpresa comigo: como eu sabia que tinha que passar de mesa em mesa?

Aí, eu descobri que estava fazendo o mesmo trabalho que minhas monitoras [alfabetizadoras] faziam comigo e sem perceber. No terceiro dia, comecei a me espelhar na Fatinha [Maria de Fátima Oliveira Lisboa], que foi minha alfabetizadora. Eram três na época: Fatinha, Raimunda e a outra que não lembro o nome agora. Comecei a me espelhar e foi dando certo. Depois, passei pelo curso de formação que é dado pela UnB. Fui escalada para acompanhar a Lúcia e ir aprendendo com ela. Esta teve que se ausentar, eu assumi tudo. E os alunos começaram a gostar do meu jeito de trabalhar. (REIS, 2011, p. 155-157)

Em alguns casos, como se identificou na entrevista realizada com o Professor Renato Hilário, também há alfabetizadores (as) com o ensino médio completo, outros que cursaram o curso normal, alguns com graduação em pedagogia ou letras e outros cursando pedagogia (ver ANEXO I, p 2).

A maioria destes é moradora do Paranoá onde a renda per capita é 0 a 2 salários mínimos, com índice de exclusão mais perverso do país (ANEXO I, p 10). A cidade preserva suas primeiras instalações no parque ecológico criado pela Lei nº 1.438, de 21, de maio de 1997, Parque Vivencial do Paranoá possui uma reserva verde de 42 hectares.

Atualmente a cidade tem cerca de 95 mil habitantes. A principal atividade econômica é o comércio, com 1,3 mil estabelecimentos. A maior parte das lojas de roupas e calçados e dos bares está distribuída nos três quilômetros da Avenida Central, conhecida como Avenida Paranoá.

A área da cidade abrange 856 km². A parte urbana é constituída pelas avenidas Comercial, Alta Tensão e Transversal. A zona rural é composta pelas colônias agrícolas Buriti Vermelho, Cariru, Capão Seco, Lamarão, São Bernardo, pelos núcleos rurais Jardim e Três Conquistas, pela agrovila Capão Seco, pelas áreas isoladas Quebrada dos Guimarães, Santo Antônio, Quebrada dos Neves e pelas comunidades rurais Boqueirão, Sobradinho dos Melos, Rajadinha, Café com Troco e Altiplano Leste. A produção agropecuária é diversificada: arroz, feijão, milho, soja, trigo, café, hortaliças e frutíferas, além dos rebanhos bovino, suíno e aves.

A estrutura urbana do Paranoá é composta de 32 escolas; um posto de saúde; um hospital regional; um restaurante comunitário; uma rodoviária; uma biblioteca pública; um Batalhão de Polícia Militar; uma Companhia Regional de Incêndio do Corpo de Bombeiros; uma Agência do Trabalhador; um Departamento de Trânsito (Detran); e as seguintes agências bancárias: Banco do Brasil, Caixa Econômica, Bradesco, Itaú e Banco Regional de Brasília. (Anuário do DF, 2016)

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE PARANOÁ



Fonte: Google Maps

Conforme Figura acima, onde é exposto mapa contendo a cidade do Paranoá e a sua localização com relação ao Palácio da Alvorada (centro do Brasília). Paranoá é uma

Área contígua ao lado norte da Barragem do Lago Paranoá, entre a Estrada Parque do Paranoá – EPPR (DF 05), Estrada Parque do Contorno – EPCT (DF 001) e Estrada Parque Tamanduá – EPTM (DF 015). A área se insere, ainda, na Bacia Hidrográfica do Lago Paranoá, e também na Bacia Hidrográfica do Rio São Bartolomeu, na Unidade Hidrográfica do Lago Paranoá e na Área de Proteção Ambiental – APA do Lago Paranoá. A área rural do Paranoá fica localizada na Área de Proteção Ambiental – APA do Rio São Bartolomeu. (Administração do Paranoá, 2016)

A partir do convênio com a secretaria de educação na primeira edição do Programa DF Alfabetizado, em 2010, o perfil dos (as) alfabetizadores (as) passou a ser determinado por edital, assim como várias outras instâncias do projeto de alfabetização, inclusive a formação, como veremos neste trabalho.

Capítulo 2 – Descrevendo os Princípios Formadores do CEDEP/GENPEX/UnB

Este capítulo é dedicado a esclarecer quais os princípios que direcionam a formação dos sujeitos no Projeto de Alfabetização e Formação em Processo de Alfabetizadoras (es) de Jovens e Adultos de Camadas Populares do Paranoá (DF). Entende-se que “a constituição do sujeito não é exclusividade do Projeto Paranoá. Antes de tudo, é uma constituição que se dá na espécie humana. Mas, se é assim, o que há de específico no Projeto Paranoá, no que diz respeito a uma possível constituição do sujeito (...)?” (REIS, 2000, p 62-63). É sobre esse ponto específico da formação que este capítulo vai tratar: a formação do sujeito de amor-poder-saber.

Reis (2000) dialoga com vários autores tais como, Vigotski, Gramsci, Freire, Marx para explicar como essa constituição humana se dá. “Vigotsky se situa no contexto de um projeto revolucionário/transformador de sociedade. (...) Talvez, por isso mesmo, sua defesa de que o sujeito se constitui das relações sociais.” (VIGOTSKY, 1996, *apud* REIS, 2011, p 82), mas não são relações isoladas; assim como Vigotsky estava em um contexto, a constituição humana, para ele, se dá em um contexto histórico.

Da mesma forma que a sociedade não é um todo único e homogêneo em razão da divisão em classes sociais tampouco que a composição da personalidade é algo homogêneo e uniforme, ela afirma que as contradições internas dos sistemas sociais encontram expressão tanto no tipo de personalidade quanto na estrutura da psicologia humana num período histórico (PINO, 1996 *Apud* REIS, 2000, p 67).

Além de se dar em um contexto situado em um tempo na história, a constituição humana também se dá em relações sociais específicas, chamadas relações de classes sociais, pois, segundo Marx, como afirma Reis (2000) “os homens produzem através de suas forças produtivas [não só panos, telas e sedas] mas também desenvolvem as *relações sociais*, sob as quais produzem esses tecidos. Os homens ao estabelecerem **relações sociais** (relações essas) que correspondem a seu modo de produção material criam também as ideias” (p 104).

Sendo assim, pode-se dizer que o modo de produção condiciona as relações, situadas historicamente, se dão entre grupos (classes). Estas relações dadas na sociedade que é dividida em classes acaba sendo uma relação de conflito entre elas. Marx&Engels reforçam esse pensamento com a afirmativa “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classe” (1998, p 40 *Apud* REIS, 2011).

Vigostsky destaca que essas relações - em função do modo de produção – sociais e de classes são indispensáveis na “mudança/transformação das pessoas, das ideias, dos comportamentos” (REIS, 2000, p 71), ou seja, são os elementos constitutivos dos sujeitos. Para Engels é através dessas relações que o homem adquire consciência. Pois “não é a consciência que determina o ser social, mas o ser social que determina a consciência dos homens no processo de vida material” (ENGELS, 1890, *apud* REIS, 2000, p 105).

A consciência viabiliza o processo de obtenção do conhecimento e, logo, da linguagem. Michael & Sheila concordam com essa afirmação e citam que

o aumento do conhecimento linguisticamente codificado das crianças é acompanhado por um desenvolvimento geral em várias outras habilidades relacionadas à linguagem, que têm uma relação direta com o poder e a confiabilidade do pensamento durante a segunda infância. (Warren e McCloskey, 1997 *Apud* COLE, COLE, 2003, p 517)

Adquirir conhecimento e linguagem (expresso por meio da fala, na criança, e da escrita, no adulto) é uma habilidade que se adquire à base de outras habilidades, principalmente a do pensamento.

Freire reforça esse argumento em ‘a importância do ato de ler’ quando expande essa compreensão, de aquisição da linguagem como um processo social, para pessoas de todas as idades.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (1921, p 9)

Leitura é, então, consequência da compreensão do mundo, pois não se torna apenas uma decodificação de signos alfabéticos e numéricos, mas uma compreensão crítica do que representam. Para isso, cada palavra precisa ter uma vivência/imagem a que se refere ou representa, chamada por Freire de “contexto”.

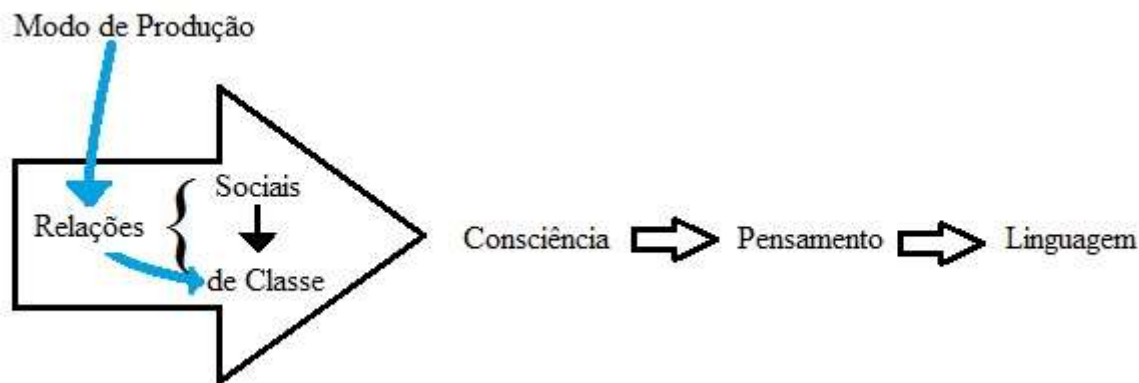
Vigotsky discorre sobre essa mesma relação em ‘pensamento e linguagem’, inclusive relacionado com a afirmativa bíblica “No princípio era o verbo” (Evangelho segundo João, Capítulo 1, Versículo1).

As palavras têm por característica fundamental serem um reflexo generalizado do mundo. Este aspecto da palavra conduz-nos ao limiar de um tema muito mais profundo e mais vasto – o problema geral da consciência. As palavras desempenham um papel fundamental, não só no desenvolvimento do pensamento, mas também no desenvolvimento histórico da consciência como um todo. Cada palavra é um microcosmo da consciência humana. (1934, p 130).

Como resultado do pensamento, e também condicionador deste, a palavra é reflexo da consciência humana, a qual constitui o pensamento e, logo, do mundo, pois este, por meio das relações materiais é o construtor da consciência.

Elencando todos os elementos observados ao longo deste capítulo, chegamos à seguinte composição:

FIGURA 2 - O CAMINHO DA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS



O modo de produção, por afetar as condições vitais do sujeito, determina que as relações sejam em classes. Essas relações sociais e de classes vão configurando comportamento e consciência; a consciência, por si, é arcabouço para a elaboração do pensamento que é expresso por meio da linguagem.

Se as relações se dão na medida da escuta sensível proposta por Barbier: aceitando o outro como ele é incondicionalmente, sem projetar nele o nosso eu, ou julgando fatos, mas relacionando-se numa escuta-ação (2002); esta relação será de amor, uma postura esperada pelo CEDEP/GENPEX.

Freire coloca essa posição amorosa, como uma das ferramentas utilizadas no alcance da libertação humana ou na aquisição de consciência como colocou neste capítulo.

Uns, por considerarem a nossa posição, diante do problema da libertação dos homens, como uma posição idealista a mais, quando não um “blábláblá” reacionário. “Blábláblá” de quem se “perde” falando em vocação ontológica, em amor, em diálogo, em esperança, em humildade, em simpatia. (2006, p 11)

Aliás, essa posição amorosa é constitutiva da emancipação, pois possibilita o diálogo e este a participação. Temos então o amor como forma de acolhimento (REIS, 2000, p 61), a participação (BOGOMOLETZ, 1990, *apud* REIS, 2000, p 60) como instrumento de formação política e a “minha relação com o ambiente, (...) é a minha consciência” (MARX, 1999, p 30

apud REIS, idem, p 70), ou formação do saber. E as três juntas (diálogo/acolhimento, participação e relações sociais e de classe) como formadoras do sujeito de amor-poder-saber.

Capítulo 3 – As etapas históricas do processo de formação no GENPEX

Este capítulo descreve as etapas e formatos que o processo de formação de alfabetizadores do Paranoá já foi constituído, dividido em períodos: de 1989 à 2010 – antes do convênio e de 2011 a 2014 – depois do convênio. Os tópicos (3.1 e 3.2) denominados **formação inicial** trata-se dos encontros de realização realizados anteriormente ao início dos encontros de alfabetização, com os alfabetizandos; aqueles denominados **formação continuada** refere-se aos encontros/atividades realizadas durante as aulas.

O objetivo desta formação - observado em entrevista (ANEXO I, p 11) - é fazer do (a) burocrata da educação, transformadores que trabalham todas as linguagens de forma integrada em vista da resolução de problemas.

3.1 Formação inicial antes do convênio

A formação aplicada aos monitores (as) que chegavam ao projeto antes de entrarem em sala de aula para atuar, tratava-se de um curso de formação propedêutica com duração de quase três meses e ocorria nas dependências do CEDEP (REIS, 2011, p. 61), alcançando todas as monitoras que eram moradoras do Paranoá. Inclusive porque nessa época só haviam quatro turmas de alfabetização.

O planejamento da proposta de formação era construído de maneira orgânica e dentro do real concreto, pois era construído coletivamente a partir avaliação anual, que acontecia ou no mês de novembro ou dezembro, no fórum, com participação de alfabetizadores (as), alfabetizandos (as), dirigentes do movimento popular, alunos e professores da UnB. A avaliação identificava o que tinha colaborado com os objetivos do CEDEP/UnB na formação anterior e o que podia ser melhorado, com isso, propunha-se a organização destes encontros de formação.

A organização destes encontros foi classificada em espaço/tempo e conteúdo, como exposto na introdução deste trabalho. Neste período o conteúdo da formação, por vezes, podia ter o conteúdo flexível de acordo com a demanda e planejamento. Seguia, porém, basicamente três momentos: O primeiro de apresentação das perspectivas dos objetivos históricos do CEDEP. O objetivo era situar o (a) alfabetizador (a) na definição do projeto de sua futura ligação.

O segundo momento é de ressignificação da concepção de alfabetização. Este momento se faz necessário para que os (as) alfabetizadores (as) tenham contato com a concepção de alfabetização do CEDEP/UnB e sejam capazes de desenvolvê-la.

O terceiro momento contava com a ampla participação dos professores da Faculdade de Educação, cada um, em sua área, expunha sobre sua linguagem (materna, matemática, das ciências, histórica e geográfica): histórico, representações e concepções, bem como, o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem por meio da organização do currículo com os conteúdos e os conceitos científicos para início de escolarização.

Esta terceira etapa, entretanto, gerou um problema, muito comum na academia, a segregação do conhecimento, logo, a dificuldade da utilização destes para a interpretação da realidade. Por hora, a solução encontrada à época foi trabalhar com a perspectiva da multidisciplinaridade, transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e pluridisciplinariedade.

3.2 Formação inicial depois do convênio

Estabelecido o convênio com a secretaria de educação, a partir de 2011, este tem como orientação fornecer um curso de formação inicial aos alfabetizadores (as) de 40h. Em negociação com a secretaria, o GENPEX promove uma formação propedêutica com a função de promover os objetivos da formação do CEDEP/UnB em 20h, o restante é de responsabilidade da EAPE – Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação – entidade formadora escolhida pelo GDF – Governo do Distrito Federal – para promover esta formação.

O curso promovido pela EAPEE acontece duas semanas antes do início das aulas do Programa DF Alfabetizado para os (as) alfabetizandos (as). A quantidade de realizações do curso depende da quantidade de edições desenvolvidas por ano.

O planejamento da formação promovida pelo GENPEX é feito nas reuniões do grupo às quintas-feiras à noite na UnB a partir das demandas apresentadas no fórum onde participam dirigente do movimento popular, diretora da regional, alfabetizadores (as), professores e alunos da UnB.

A programação da formação costuma oferecer as seguintes atividades: apresentação dos elementos pedagógicos do CEDEP/UnB e exposição de concepções, histórico e percepções de cada linguagem: matemática, língua materna, geográfica, histórica e das ciências. A organização do curso é distribuída em uma semana, cada dia para um ou mais elementos pedagógicos e um dia por linguagem.

Os elementos pedagógicos são apresentados de forma prática, os (as) alfabetizadores (as) são inseridos num ambiente de **amor**, por meio da acolhida; da recepção surge uma conversa que promove o **des-silenciamento** o qual desvela uma **situação-problema-desafio** que é debatida e votada; desta é elaborado um **texto coletivo** que é debatido e votado, simulando o funcionamento do **fórum** de avaliação e reencaminhamento da práxis pedagógica.

A apresentação das linguagens geralmente é promovida por um convidado do movimento popular ou da UnB, convidado pelo GENPEX. Aplicada esta formação nesta forma de organização surge a mesma dificuldade de interação entre as linguagens para leitura do mundo, a solução apresentada foi o desenvolvimento, ao longo do tempo, da Situação-problema-desafio.

3.2.1 Parte da Es cola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação- EAPE

As propostas de cursos de formação para os educadores da EJA tem incorporado a alfabetização, compreendendo que esta é uma etapa do processo de educação formal e, para dar efetividade às práticas desenvolvidas junto aos jovens, adultos e idosos, a oferta de formação específica e adequada mostra-se uma ação prioritária. (MEC, 2011, p. 6).

Para isso no início da formação e durante o seu decorrer é importante a discussão sobre o desenvolvimento das turmas com base nas habilidades indicadas na matriz de referência de avaliação do PBA, assim como a reflexão sobre os conceitos de emancipação e de autonomia, aprofundando a compreensão do trabalho que está sendo realizado junto aos alfabetizados e adequando as práticas conforme as necessidades percebidas.

Considerar estes aspectos e desenvolvê-los com base nos princípios, diretrizes e estratégias descritos neste documento são essenciais para a efetividade do processo, compreendendo a alfabetização como parte de uma política de educação que está pautada nos princípios de inclusão e de equidade e de garantia dos direitos dos sujeitos. (MEC, 2011)

Sendo assim, seguem algumas estratégias observadas como principais no processo de formação adotado pelo programa DF Alfabetizado:

- 2) Elaboração de um plano de ação de formação que contemple todas as áreas do conhecimento, destacando a importância de perceber as interfaces entre os conhecimentos científicos e os saberes construídos nas práticas.
- 3) Elaboração de plano para a análise, discussão e avaliação da Matriz de Referência da Avaliação Cognitiva no processo de formação inicial e continuada, visando potencializar o uso da Avaliação Cognitiva durante o processo de alfabetização.

- 4) Planejamento participativo, antecedido por diagnóstico envolvendo os alfabetizadores e coordenadores de turmas em todo o processo.

3.3 Formação continuada antes do convênio

O projeto de Alfabetização e Formação em Processo de Alfabetizadoras (es) de Jovens e Adultos de Camadas Populares do Paranoá (DF) não recebe esse nome à toa, mas porque a formação se dava, de fato, no processo de alfabetização, acontecia durante as aulas quando cada alfabetizadora era acompanhada por dois alunos de graduação em sala. Fazia parte desse acompanhamento, a identificação de dificuldades de compreensão e utilização de práticas da educação transformadora; depois a avaliação desta propondo novas abordagens e a elaboração conjunta do plano de aula, do plano de ensino, diariamente.

Ainda não havia a função de coordenadora já institucionalizada, mas já havia as pessoas mais engajadas e antigas no projeto que orientavam os (as) alfabetizadores (as) ao longo do processo quando eram procuradas em qualquer momento ou espaço, fosse nos fóruns e ou nas salas durante as aulas. A orientação desses (as) coordenadores (as) que se apropriavam dessa concepção de educação, mostrava-se ainda mais eficiente do que a realizada pelos (as) alunos (as) e professores (as) da UnB devido à somatória do quesito experiência em ser alfabetizador (a) que estes não tinham.

3.3.1 Aprofundamento: subcategoria de formação em processo

Nesse momento inicial do projeto, quando a mesma dificuldade era identificada por mais de um (a) alfabetizador (a) e informada pelos (as) alunos (as) de graduação nas reuniões do GENPEX, organizava-se um aprofundamento coletivo para a orientação sobre a elaboração de planos de aula e de ensino e sobre planejamento e avaliação.

O aprofundamento acontecia ou aos sábados de manhã, ou a tarde, ou de manhã e a tarde ou aos sábados e domingos pela manhã (transcrição, página 9) no “horário do militante”. Ele era planejado pelo GENPEX junto com o fórum amplo (alfabetizadores (as), alfabetizandos (as), movimento popular e GENPEX).

3.4 Formação continuada depois do convênio

Atualmente a formação continuada também é promovida parte pela entidade formadora escolhida pela SEE/DF e parte pelo GENPEX. O programa DF Alfabetizado deve promover 2 horas semanais ou 4 horas quinzenais ²⁰de Formação Continuada.

A realização deste dá-se nas dependências do CEDEP no espaço do Fórum às sextas-feiras, 19h. Como este tem muitas atividades a serem realizadas, ele fica submetido ao calendário da instituição, dividindo o tempo de formação entre GENPEX e EAPE. A título de exemplo apresentamos um calendário vivenciado de setembro e outubro de 2014:

QUADRO 2 - CALENDÁRIO VIVENCIADO DE SETEMBRO E OUTUBRO DE 2014

Data	Nome	Local	Pauta
20/09	Fórum ²¹	CEDEP	Discutir, avaliar e encaminhar a práxis
27/09	Planejamento por escola	Cada alfabetizador em sua escola com sua coordenadora	Planejamento de aulas mensal ou quinzenal
4/10	Fórum Itinerante ²²	EC 01 Itapoã	Avaliação; retirada de temas; presença de alunos
11/10	Planejamento Coletivo	CEDEP	
18/10	Formação do GENPEX	CEDEP	
25/10	Planejamento por escola	Cada alfabetizador em sua escola com sua coordenadora	Planejamento de aulas mensal ou quinzenal

Fonte: Diário de bordo da autora

Quando a rotina do fórum quando não precisa ser alterada ao longo do processo, tem a sequência: Planejamento Coletivo; Formação GENPEX; Planejamento por escola; Formação da regional. Então quinzenalmente há a garantia do espaço de 4 horas de formação, onde EAPE e GENPEX se revezam para a promoção desta.

3.4.1 Parte do GENPEX

²⁰ Orientações, julho de 2011, página 7.

²¹ Fórum é o dia de Planejamento Coletivo, avaliação e reencaminhamento da práxis pedagógica que acontece no CEDEP.

²² Fórum Itinerante é um dia de Planejamento Coletivo, que acontece cada sexta em uma escola e não no CEDEP. Ou seja, quando diz-se Fórum Itinerante sabe-se que a pauta é planejamento coletivo avaliação e reencaminhamento da práxis pedagógica e o local é alguma escola definida em fórum anterior.

Assim sendo, a formação do GENPEX acontece uma vez por mês nas dependências do CEDEP e tem duração de 4 horas. Normalmente colhem-se as dúvidas de alfabetizadores (as) durante os fóruns e ou no acompanhamento em sala, quando é possível de se realizar; essas dúvidas são levadas à reunião do GENPEX na UnB e lá também acontece o planejamento das atividades de formação.

Geralmente o fórum de formação trata dos elementos pedagógicos do GENPEX como tema principal, ou seja, orienta os (as) alfabetizadores (as) sobre o processo pedagógico de alfabetização. Ele sempre retoma, em um primeiro momento de revisão, o objetivo histórico do CEDEP por meio da exposição das bases teóricas deste.

Para trabalhar o elemento pedagógico escolhido, o GENPEX tem a prática de inserir os (as) alfabetizadores (as) em uma simulação da aula, ou seja, forma por meio do exercício da prática, utilizando aquele elemento pedagógico.

3.4.2 Formação promovida pela EAPE

A formação continuada promovida na Educação de Jovens e Adultos é uma experiência antiga que dá “concretude à preocupação e intenção de sua continuidade como modalidade da educação básica, na perspectiva de um sistema público nacional e integrado de educação pública, definidos na I Conferência Nacional de Educação – CONAE²³” (MEC, abril de 2011, p. 8).

O planejamento e a aplicação desta são realizados pela instituição formadora (caso) escolhida pelo Estado, Município ou Distrito Federal que “deverá responsabilizar-se, a critério do gestor local, também pela supervisão da formação continuada dos alfabetizadores e pela prestação de assessoria técnico-pedagógica.” (BRASIL, 2011, p. 6).

O documento de Orientações sobre o Programa Brasil Alfabetizado resume os Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores e diz que o curso de formação tem duração de 4 horas quinzenais ou 2 horas semanais, mas esta diz que a formação continuada acontece “durante todo o período em que estiverem envolvidos em práticas educativas no âmbito do programa.” (MEC, 2011, p. 13). Caracterizando a formação continuada como

²³ A Conferência Nacional de Educação – CONAE é um espaço democrático aberto pelo Poder Público para que todos possam participar do desenvolvimento da Educação Nacional, aconteceu em 2010 com tema: Construindo um Sistema Nacional Articulado de Educação: Plano Nacional de Educação, suas Diretrizes e Estratégias de Ação. Em seus documentos observa-se a oferta de uma educação de qualidade como dever do Estado.

O espaço de troca de experiências, relatos de práticas bem sucedidas, discussão de dificuldades, planejamentos coletivos, confecção de materiais e leituras complementares. Esse espaço servirá, também, à capacitação dos alfabetizadores e coordenadores como agentes mobilizadores nas ações de encaminhamento para a continuidade dos estudos, e na obtenção do registro civil para aqueles que ainda não o possuem. (BRASIL, jul 2011, p. 6)

Neste espaço “A formação é sempre um processo contínuo, pois se traduz em um fazer que requer uma constante avaliação, análise e reflexão.” (diretrizes e princípios, abril de 2011, p 13). Os (as) alfabetizadores (as) tem a oportunidade não só de aprender com seus alunos, mas de, neste espaço, pensar o seu fazer a partir de teorias já desenvolvidas na área.

O conteúdo a ser trabalhado nos encontros de formação continuada é definido com base em:

Análise das práticas desenvolvidas e nos resultados da avaliação cognitiva (diagnóstica e processual) dos alfabetizandos, pois os resultados obtidos apontarão os níveis nos quais se encontram os sujeitos, exigindo a elaboração de propostas adequadas às suas necessidades com o objetivo de desenvolver as diferentes competências e habilidades. (diretrizes e princípios, abril de 2011, p 14)

Essa definição torna obrigatória a participação do (a) coordenador (a) na formação continuada, por meio do acompanhamento do (a) alfabetizador (a) com uma postura dialógica e pró-ativa. Tratando o planejamento e a execução da alfabetização como uma tarefa conjunta, orientando o (a) alfabetizador (a) a atender as necessidades do (a) alfabetizando (a) e observando os resultados e trazendo-os para a discussão coletiva.

Capítulo 4 – Aproximações e Distanciamentos da formação do Alfabetizador de amor-poder-saber

A partir das descrições, este capítulo sistematiza em categorias: espaço/tempo e currículo de formação os períodos 1989 a 2010 e 2010 a 2014, para serem analisados à luz dos princípios formadores amorosidade, texto coletivo e fórum já descritos anteriormente neste trabalho.

É importante observar que o objetivo deste trabalho é descrever a formação em processo de alfabetizadores do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos de Camadas Populares do Paranoá e Itapoã/DF, respondendo a pergunta: as etapas deste processo contribuem para a formação de um sujeito de amor-poder-saber, como prevê o projeto?

O capítulo organiza-se, então, da seguinte forma: são descritas as categorias, situadas a seu tempo, depois é apresentado um diálogo das aproximações e distanciamentos que cada categoria adquiriu com o tempo, seja a nível de currículo (conteúdo de formação) quanto de espaço/tempo (lugar e tempo histórico e cronológico).

4.1 Currículo da Formação Inicial – 1989 a 2010

O currículo da formação inicial antes do convênio pode ser explicado por meio da divisão em três partes: histórico, resignificação e exposição das linguagens, o qual, o quadro abaixo sistematiza, organizado com em grade curricular.

QUADRO 3 - CURRÍCULO DE FORMAÇÃO 1989 A 2010

Currículo Antes
1. Histórico
2. Resignificação
3. Exposição de Linguagens
Problema: junção das linguagens
Solução Interdisciplinariedade

Fonte: da Autora

O momento chamado histórico é aquele em que a história de fixação do Paranoá era apresentada aos novos alfabetizadores. Para o grupo esse era um momento de grande importância já que a pessoa que iria entrar no projeto precisaria saber em que tipo de ação ela estava se envolvendo e com que objetivos históricos ela estava se comprometendo.

Segundo o CEDEP/GENPEX/UnB, a efetivação desses objetivos tem um caminho claro de alcance: um processo de alfabetização transformador para professores e alunos de forma que cada um fosse impelido e capacitado a contribuir com a melhoria da qualidade de vida de sua comunidade. Nesse início, a formação tinha como público alvo as normalistas²⁴ e essa compreensão de um processo de alfabetização transformadora só aconteciam por meio da resignificação de alfabetização. Não mais como apropriação apenas.

O terceiro momento da formação inicial dava-se diante da necessidade de alfabetizar-se os alunos nas várias linguagens necessárias para se ler o mundo: a linguagem materna, matemática, geográfica, histórica e científica. Assim que o Professor Renato Hilário Reis assume o projeto, as primeiras formações contavam com a presença de um professor da faculdade de educação e alguns da linguística para a condução desse momento.

Essa riqueza de aprofundamento em cada linguagem posteriormente se apresentou como um problema, as várias linguagens separadamente não explicavam nem dialogavam com a realidade dos (as) alfabetizados (as), sendo assim, eles (as) não a utilizavam na melhoria de sua qualidade de vidas. A solução pensada, a princípio, foi a utilização da transdisciplinaridade, como metodologia de interlocução entre as diversas linguagens. E esta deveria ocorrer em sala.

4.2 Currículo da Formação Inicial – 2011 a 2014

Trataremos agora sobre os conteúdos trabalhados pelo GENPEX nos encontros de formação que acontecem no fórum, mensalmente. Tendo claro que este espaço é dividido com a entidade formadora escolhida pelo GDF e sobre a qual não trataremos neste trabalho.

QUADRO 4 - CURRÍCULO DE FORMAÇÃO DE 2011 A 2014

Currículo Depois	
GENPEX	EAPE
1. Histórico 2. Teoria do ser social 3. Linguagens Problema: junção Solução: Situação Problema Desafio 4. Elementos Pedagógicos da Situação	Currículo sob a responsabilidade de entidade formadora

²⁴ Alfabetizadores incluídas no perfil das que tem formação no ensino médio com curso normal (para a formação de professores)

Problema Desafio (SPD)	
------------------------	--

Dado o convênio com a secretaria de educação, a formação inicial passa a ser um momento previsto no programa para ocorrer em 40h. Destas o GENPEX é responsável por 20h e promove o seguinte currículo: histórico e teoria do ser social, linguagens e elementos pedagógicos do GENPEX.

O histórico apresentado é centrado na história do projeto de alfabetização, de maneira rápida. Posteriormente, há uma exposição teórica sobre a concepção de constituição humana do CEDEP/GENPEX/UnB (descrita no capítulo 2) e a importância da aquisição da linguagem para o desenvolvimento de consciência do mundo.

Vê-se a indispensabilidade da relação dialética teoria- prática, como fator fundamental do desenvolvimento humano, no contexto de qualquer sociedade. Particularmente, se voltada para e aos interesses e a causa do povo, ou seja, para os interesses de todas as classes, não exclusivamente para uma determinada classe. (REIS, 2000, p 70)

O próximo conteúdo da formação são as linguagens, estas tem um espaço específico para sua apresentação. Em três dias são apresentadas duas linguagens por dia e nas duas noites restantes das 20h a solução para o problema da fragmentação entre as linguagens: a situação problema desafio. Neste momento os participantes do fórum são levados a vivenciar cada um dos elementos pedagógicos do CEDEP como se fossem os alfabetizandos e são esclarecidos a respeito da possibilidade de variação do exercício do des-silenciamento, fórum, situação problema desafio e texto coletivo.

Aproximações e distanciamentos

Este tópico trata sobre o que foi mudado ao longo do tempo no conteúdo dos encontros de formação, tomando como base o ano de 2011 para comparação, devido ao marco que foi o convênio com a Secretaria de Educação – SEE/DF.

QUADRO 5 - COMPARATIVO DA FORMAÇÃO INICIAL

Antes	Depois	
CEDEP/UnB	GENPEX	EAPE
1. Histórico	1. Histórico	Currículo sob a responsabilidade de entidade formadora
2. Ressignificação	2. Teoria do ser social	
3. Exposição de Linguagens Problema: junção das	3. Linguagens Problema: junção	

linguagens Solução: Interdisciplinariedade	Solução: Situação Problema Desafio	
	4. Elementos Pedagógicos da Situação Problema Desafio (SPD)	

Fonte: da autora

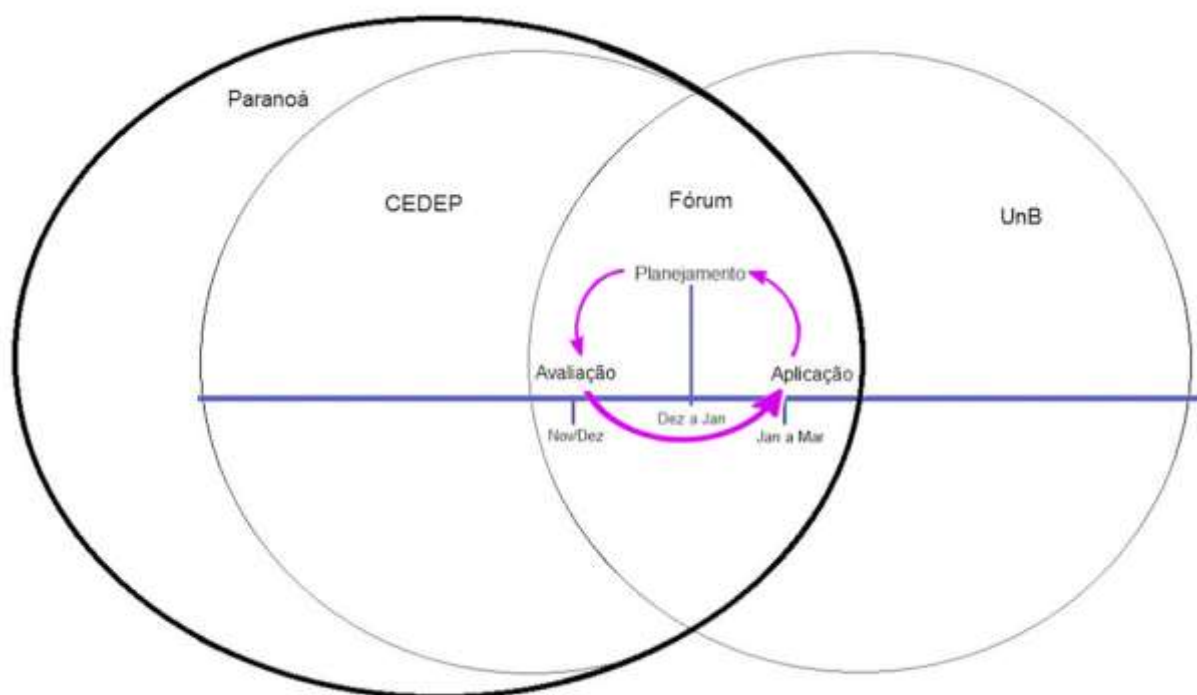
Em termos de currículo: distribuição e conteúdo das formações, pode-se perceber que se mantem a apresentação do histórico, como um elemento de identificação do alfabetizador, mas posteriormente a justificativa apresentada para uma alfabetização diferenciada passou a ser científica (fala-se das bases de constituição humana) e não somente metodológica (apresentar os diferentes tipos de alfabetização e a selecionada pelo CEDEP).

Mesmo assim, a alfabetização hoje ainda é central no currículo da formação inicial, ela é apresentada, porém, de forma prática no exercício da situação-problema-desafio, que também reúne linguagens, como antes não conseguia ser feito. Essa metodologia prática permite que, em menos tempo, sejam trabalhados ainda mais conteúdos, os elementos pedagógicos do CEDEP: texto coletivo, amorosidade e fórum.

4.3 Espaço tempo da Formação Inicial – 1989 a 2010

Este tópico apresenta a localização espaço temporal da formação dada aos alfabetizadores antes de encontrarem-se com os alunos. O quadro abaixo sintetiza sucessivas explicações.

FIGURA 3 - ESPAÇO/TEMPO DA FORMAÇÃO INICIAL – 1989 A 2010



Fonte: da autora

Antes do convênio a duração da formação propedêutica (REIS, 2011) promovida pelo CEDEP/UnB era de 3 meses. No final de novembro, início de dezembro, todos os participantes do projeto sentavam para uma avaliação final anual em fórum. Nesta reunião eram levantados os pontos que necessitavam de melhora e, por isso, poderiam ser trabalhados na formação inicial. De dezembro a Janeiro todas as atividades eram cuidadosamente preparadas por professores da UnB, alfabetizadores (as), participantes do movimento popular, alfabetizando (as) no espaço do CEDEP no Paranoá.

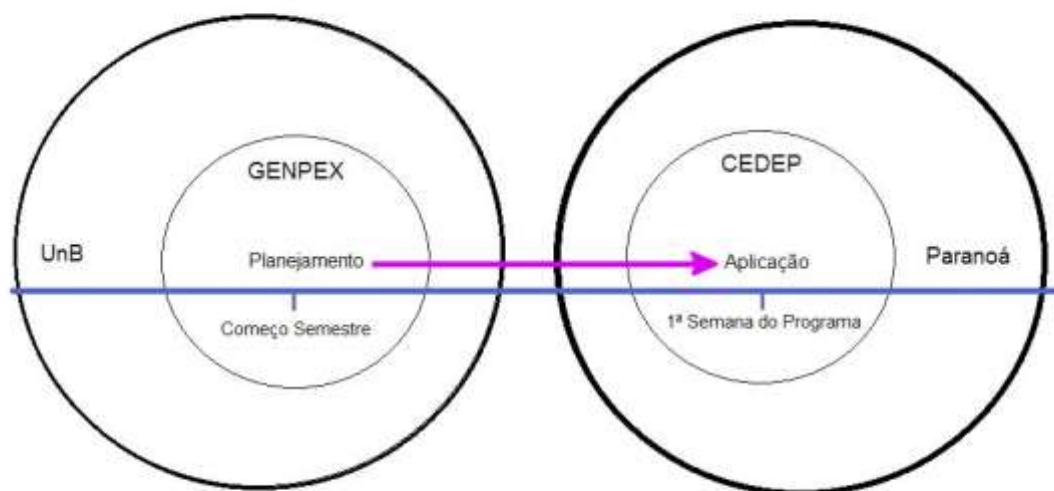
A realização do curso de formação propedêutica se estendia de janeiro a março, quando do início das aulas, também no espaço do CEDEP no Paranoá, com participação de professores da UnB, participantes do movimento popular e comunidade. As linguagens eram apresentadas uma a uma em cada dia por professores da Universidade de Brasília, faculdade de educação ou instituto de línguas.

Dessa maneira, como podemos perceber no organograma, o planejamento dava-se na esfera da comunidade e era fruto da avaliação em fórum. A aplicação era um conjunto de comunidade acadêmica e popular, mas tinha sua realização na cidade do Paranoá.

4. 4. Espaço tempo da Formação Inicial – 2011 a 2014

Aqui situaremos onde se dá e qual o tempo dedicado à formação de alfabetizadores depois do convênio com a secretaria de educação – SEE/DF.

FIGURA 4 - ESPAÇO/TEMPO FORMAÇÃO INICIAL DE 2011 A 2014



Fonte: da autora

Dado o convênio com a secretaria de educação, a formação inicial tem o tempo de 40 horas para ser realizada. O seu planejamento dá-se duas semanas antes de sua realização e é organizado pelo GENPEX, na UnB, a partir do currículo descrito anteriormente, correspondente à expectativa dos dirigentes do movimento popular.

A aplicação dá-se no espaço do CEDEP no Paranoá e tem duração de uma semana e acontece em seguida ao planejamento. Como podemos observar no organograma.

Aproximações e Distanciamentos

Sobrepondo os esquemas, podemos perceber que planejamento, avaliação e aplicação eram parte de um sistema indissociável e cíclico, centrais no processo de formação e também centralizados em relação aos espaços de organização (UnB e Comunidade), possibilitado pela caracterização do espaço chamado: CEDEP. Em relação ao tempo (linha azul) também havia

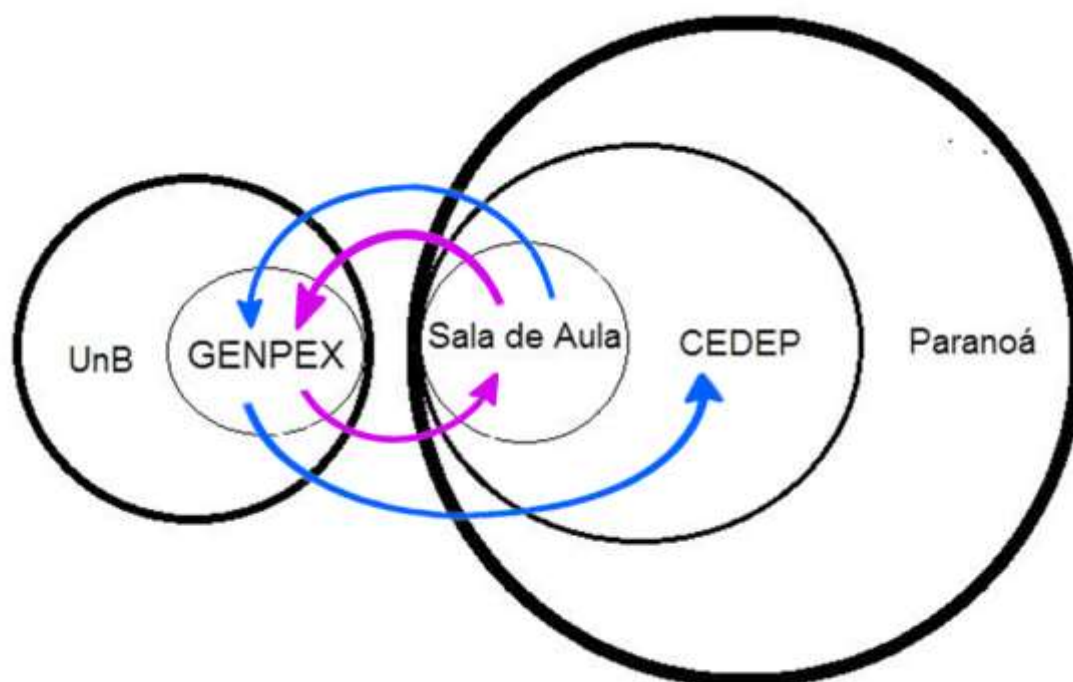
maior espaço entre cada um destes momentos, permitindo que ele fosse esgotado e desse origem ao próximo.

Atualmente o planejamento acontece no espaço das reuniões do GENPEX na UnB, entretanto, ele só pode ocorrer a dependência do calendário de graduação, por conta dos alunos de graduação, que só se vinculam ao projeto no começo do semestre, e acaba ocorrendo nas primeiras semanas do semestre letivo. Já a aplicação fica a dependência do calendário do programa DF Alfabetizado e, geralmente, coincide com a segunda/terceira semana do semestre letivo da UnB. O tempo entre eles (linha azul) é então mais curto tornando-o também linear: o planejamento gera a aplicação.

O espaço de organização da formação também ficou recluso a universidade, já que os participantes dessas reuniões atualmente são basicamente professores e alunos da UnB. A aplicação acontece no CEDEP e com participação praticamente apenas dos alfabetizadores. Não há muita participação da comunidade ou dos alunos.

4.5. Espaço Tempo da Formação Continuada – 1989 a 2010

FIGURA 5 - ESPAÇO/TEMPO FORMAÇÃO CONTINUADA DE 1989 A 2010



A formação continuada era um desencadeamento da participação dos alunos de graduação nas salas de alfabetização. Durante as aulas e ao final delas estes conversavam com os (as) alfabetizadores (as) percebendo as dificuldades que apareceram durante a aula em cumprir o currículo proposto na formação inicial.

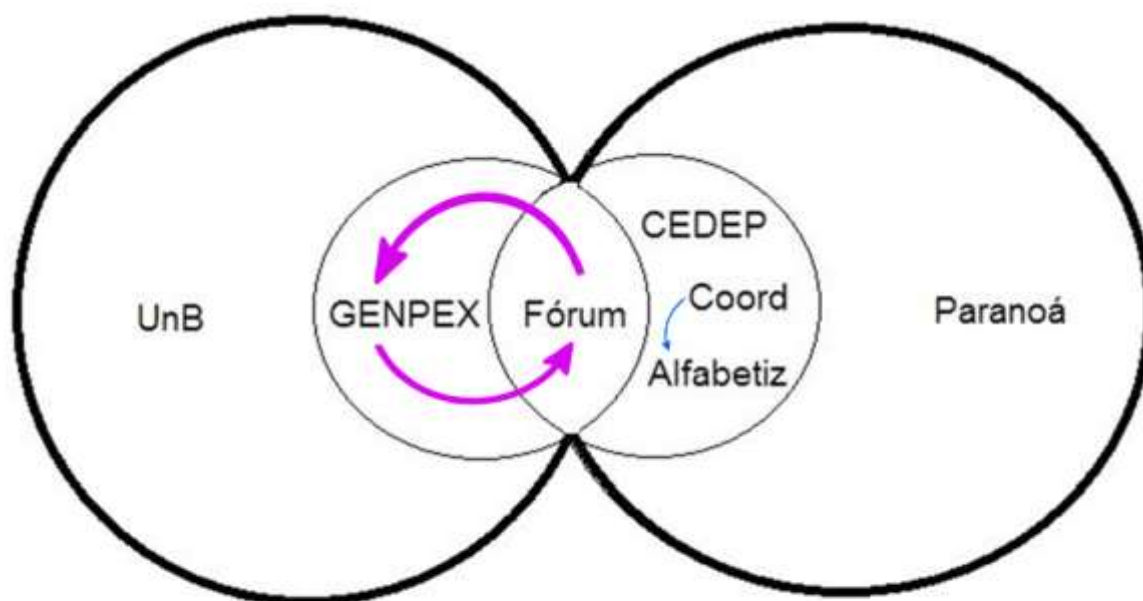
Estes aspectos eram levados à reunião do GENPEX - que, à época, tinha participação de alfabetizadores (as), dirigentes e participantes do movimento popular, alfabetizados (as), alunos e professores da UnB – para ser discutido e encaminhado em forma de formação continuada a ser realizada no espaço do CEDEP no Paranoá.

A realização dessa formação dava-se aos sábados, domingos ou sábados e domingos, a depender do acordado entre os interessados em melhorar seu desempenho em sala de aula, e também eram chamados de encontro de aprofundamento. E os expositores eram os participantes do movimento popular, alunos e professores da UnB.

Em sala de aula, porém, também acontecia a formação em processo, por meio do aluno de graduação no próprio acompanhamento de sala de aula do alfabetizador.

4.6. Espaço Tempo da formação continuada – 2011 a 2014

FIGURA 6 - ESPAÇO/TEMPO FORMAÇÃO CONTINUADA 2011 A 2014



Posterior ao convênio com a secretaria de educação, a formação continuada passou a ser parte obrigatória do programa DF Alfabetizada e tem duração de 10 horas quinzenais a serem realizadas ao longo do semestre. Outra possibilidade de formação continuada é a realizada pelo (a) coordenador (a) junto a(o) alfabetizador (a).

O planejamento da formação continuada atualmente acontece na reunião do GENPEX na UnB com a presença de alunos e professores da faculdade de educação. O fórum traz as demandas do que precisa ser trabalhado e também é o espaço onde acontece o curso mensal de formação continuada no CEDEP no Paranoá.

Aproximações e Distanciamentos

Comparando os esquemas, podemos dizer que a motivação da formação continuada foi deslocada de: responder às demandas dos alfabetizadores para cumprir as determinações legais do programa. Colocada a responsabilidade do estado na promoção desta formação, percebe-se um distanciamento do movimento popular no planejamento dessa formação, tanto na não participação das reuniões do GENPEX (onde ainda é feito o planejamento da formação continuada), quanto na execução desse planejamento.

O menor envolvimento de alunos de graduação no projeto também é prejudicial, tendo em vista que o acompanhamento diário é feito apenas pelos coordenadores selecionados por meio de edital. O espaço de aprofundamento que surge como resposta ao engajamento social, político, espiritual ao projeto, também deixa de existir.

4.7 Currículo da Formação Continuada – 1989 a 2010

QUADRO 6 - CURRÍCULO FORMAÇÃO CONTINUADA DE 1989 A 2010

Formação em Processo	Aprofundamento
1. Orientação ao longo do semestre a respeito da educação transformadora 2. Identificação de Dificuldades	1. Plano de Aula 2. Planejamento

Fonte: da autora

O conteúdo da formação continuada era relativo à demanda de cada alfabetizador(a), mas as dúvidas geralmente giravam em torno da concepção de alfabetização adotada pelo CEDEP que é baseada na concepção de educação transformadora.

Os aprofundamentos eram mais específicos e tinham como conteúdo os elementos pedagógicos do CEDEP: círculo, situação problema desafio, fórum e texto coletivo. Planejamento e plano de aulas/ensino também eram temas recorrentes dessas formações.

4.8. Currículo da Formação Continuada – 2010 a 2014

QUADRO 7 - CURRÍCULO FORMAÇÃO CONTINUADA DE 2011 A 2014

Formação GENPEX	Formação continuada EAPE
1. Orientar o alfabetizador sobre o processo de alfabetização e letramento 2. Reforçar elementos pedagógicos	

Fonte: da autora

O objetivo da formação continuada é reforçar elementos pedagógicos do CEDEP e orientar o (a) alfabetizador (a) sobre o processo de alfabetização transformadora. Na concepção adotada pelo CEDEP este só pode ser alcançada por meio do exercício destes elementos e esclarecimento do que é uma aprendizagem transformadora.

Os alfabetizadores são imersos numa aula prática e podem vivenciar o círculo, a situação problema desafio, o texto coletivo, o fórum e assim realizar uma alfabetização transformadora, reforçando os elementos pedagógicos.

Aproximações e Distanciamentos

QUADRO 8 - COMPARATIVO CURRÍCULO FORMAÇÃO CONTINUADA

Antes		Depois	
Formação em Processo	Aprofundamento	Formação GENPEX	Formação EAPE
1. Orientação ao longo 2. Identificação de dificuldades	1. Plano de Aula 2. Planejamento	1. Orientar sobre alfabetização 2. Reforçar elementos pedagógicos	

Fonte: da autora

Pondo em comparação pode-se identificar que foram perdidos espaços de formação continuada: o de aprofundamento e o diário com os alunos de graduação, devido ao aumento

na quantidade de turmas de alfabetização. Entretanto, a partir do surgimento da situação problema desafio e a sistematização dos elementos pedagógicos, a formação continuada ganhou em termos curriculares, pois agora tem uma metodologia própria, que tem atendido ao desenvolvimento das atividades educativas.

Considerações Finais

Com a conclusão deste trabalho foram identificadas algumas considerações a serem declaradas para serem reafirmadas e, assim, contribuir, de alguma forma, com o Projeto inspirador deste trabalho, bem como outros que se baseiam nos mesmos aspectos teóricos e na mesma realidade.

As primeiras considerações observadas a serem feitas dizem respeito a própria análise do trabalho. Pode-se dizer que a formação ganhou mais aspectos teóricos, logo, acadêmicos, tanto que está mais próximo, inclusive inserido nas atividades da Universidade. Alguns momentos e espaços dentro da formação foram perdidos devido a um menor engajamento social, político, religioso dos participantes, mas se estabeleceu em termos de organização pedagógica instituindo seu próprio “método”.

Pode-se dizer isso baseado na observação de que a formação inicial tinha como currículo o foco no trabalho da identificação do professor com o projeto e agora, através de exposições teóricas, ela leva o sujeito a se identificar com a história. Atentando-se para os organogramas de Espaço/Tempo dessa categoria, fica fácil entender o porquê, logo que os planejamentos deslocam-se da coletividade do CEDEP para as reuniões do GENPEX.

A formação continuada torna-se um espaço/tempo definitivo, ganhando em relação à necessidade de se marcar encontros de aprofundamento, mas devido ao menor número de alunos de graduação, perde o acompanhamento de perto e diário.

A partir da entrevista, também surgiram tópicos de contribuição o qual estão sistematizados como sugestões de melhoramento do processo de formação dos alfabetizadores: as sugestões ainda nunca implementadas são: Utilizar as TICs²⁵ no acompanhamento diário e também no envio de informes que precedem as reuniões de formação e convidar os (as) coordenadores (as) para as reuniões de planejamento das formações, para que eles (as) sejam multiplicadores (as) do processo de formação.

²⁵ Tecnologias de Informação da Comunicação

PARTE 3
PERSPECTIVA PROFISSIONAL FUTURA

“A felicidade não está em investir na bolsa de valores. A felicidade começa quando investimos em pessoas”.

Bispa Lúcia Rodovalho

Antes de falar para onde quero ir, gostaria de falar sobre quem vai. Sim, gostaria de falar mais um pouco sobre mim. Não mais sobre quem sou ou minha história, mas a profissional que, depois deste trabalho, foi formada/constituída. Coloco este trabalho como referência, mesmo que, aparentemente, pertença ao meio acadêmico, teve impacto sobre todas as áreas da minha vida.

A primeira lição aprendida é que cada etapa deve ser vivida na sua vez, digo isto relacionado ao tempo que levei para realizar o trabalho, percebi que a demora em alcançar cada compreensão teórica ou mesmo ter a prática na escrita, aconteceu devido a não ter realizado cada uma delas no momento em que me foi solicitado durante a graduação. Levo este aprendizado para minha vida profissional, inclusive na escola que atuo como professora auxiliar hoje, pretendo viver essa etapa e absorver os aprendizados caso queira atuar como professora e assim nos próximos níveis posteriores.

O segundo aprendizado foi sonhe! Mas compartilhe seus sonhos apenas com quem suportaria te ajudar na sua derrota. Isso me auxilia a ter relacionamentos com chão onde quer que eu vá trabalhar. Terceiro, se você acredita em você, é mais fácil permanecer. Seja sábia, sempre e isso inclui se calar.

Com todas essas características e outras mais que muito provavelmente eu não tenha sido capaz de identificar e ou descrever, pretendo ter me formado também alguém amorosa, política e epistemológica, contribuindo com os processos de aprendizagem transformadora, promotora da autonomia onde quer que atue profissionalmente.

Referências

- Anuário do DF**, 2016. Disponível em: <<http://www.anuariododf.com.br/regioes-administrativas/ra-vii-paranoa/>>. Acesso em: 12 setembro 2016.
- ADMINISTRAÇÃO do Paranoá. **Administração do Paranoá**, 2016. Disponível em: <<http://www.paranoa.df.gov.br/2016/07/04/localizacao-3/>>. Acesso em: 12 setembro 2016.
- BARBIER, R. **Escuta sensível na formação de profissionais da saúde**. Brasília: [s.n.], 2002. Conferência na Escola Superior de Ciências da Saúde – FEPECS – SES-GDF.
- BRASIL. **LDB**. [S.l.]: [s.n.], 1961.
- BRASIL. **Orientações sobre o Programa Brasil Alfabetizado**. Brasília: [s.n.], 2011.
- CAVALCANTI, L. D. S. **Geografia, Escola e Construção do Conhecimento**. 318. ed. São Paulo: Papyrus, 2011.
- EDUCAÇÃO, M. D. **Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores**. Brasília: [s.n.], 2011.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª. ed. [S.l.]: Autores Associados: Cortez, 1989. Coleção polêmicas do nosso tempo; 4.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 15ª Edição. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GARCÍA, C. M. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES - Para uma Mudança Educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.
- GOHN, M. D. G. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, v. 71, 1999.
- GOHN, M. D. G. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2008.
- GOHN, M. D. G. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- NASCIMENTO, A. E. G. **O CONCEITO DE AMOROSIDADE EM FREIRE E A RECUPERAÇÃO**. Disponível em file:///C:/Users/Tainara%20Rayanne/Downloads/46-1397-1-PB.pdf Acesso em 27 de julho de 2015.
- REIS, R. H. D. **A constituição do Sujeito Político, Epistemológico e Amoroso na Alfabetização de Jovens e Adultos**. Campinas: [s.n.], 2000. Tese de Doutorado.

- REIS, R. H. D. **A constituição do ser-humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos.** Campinas: Autores Associados, 2011.
- RÊSES, E. D. S. A necessidade da política. **Mundo Jovem**, p. 5, Fevereiro 2005.
- ROCHA, D. R. D. **O IMPACTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE: Construções Dialógicas para uma Educação Emancipatória e Libertária.** Brasília: [s.n.], 2013. Trabalho de Conclusão de Curso.
- SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, p. 143-155, 2009. ISSN 40. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em 27 de julho de 2015.
- SILVA, K. A. C. P. D. A formação de professores n a perspectiva crítico-emancipadora. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 17, p. 13-31, jan-abri 2011. ISSN 32.
- TELES, L. D. L. C. **Constituição de Professoras/es em educação de Jovens e Adultos numa escola pública do Distrito Federal: Completude na incompletude? Ou incompletude na completude?** Brasília: [s.n.], 2003. Tese de Mestrado.
- VITAL, T. R. D. S.; AMORIM, D. Trabalho Final de Geografia: O lazer no Paranoá, Brasília, Dezembro 2013.

ANEXO 1

Hoje é dia 18 de novembro de 2014 às 17:14 na casa do Renato, é um privilégio estar na casa dele.

É um prazer tê-la aqui

Um pouco do que aconteceu de 2011 a 2014, mudanças que ocorreram na formação que acontece no fórum.

Renato, em seu livro “A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos” você cita que os alfabetizadores eram escolhidos dentre os moradores do Paranoá e “a formação propedêutica consta de um curso de orientação preliminar nos meses de janeiro, fevereiro e março” (REIS,2011, p.61) como se dava esse curso à época?

é, esse curso a gente trabalhava realmente janeiro, fevereiro e março, em quase três meses de curso. É porque nós levávamos, por exemplo, hoje nós trabalhamos as várias linguagens, não é isso?! Língua materna, da história, geografia, linguagem matemática... cada uma dessas linguagens a gente levava um professor, então ia praticamente todo mundo da faculdade de educação, um grupo ainda da linguística que estava conosco na época da qual faz parte o professor Guilherme Veyga Rios e a professora Isabel Magalhães, então era um curso mais demorado. Hoje esse desejo de ter uma formação inicial com essa largueza com essa expansividade, continua sendo um propósito. Só eu devido ao convênio feito com a rede pública, como a rede pública também tem que dar essa formação inicial, a gente tem que dividir o tempo dessa formação preliminar.

Quando foi feito esse convênio?

Foi agora, justamente nesse período que você tá me perguntando, de três anos pra cá, quer dizer, desde quando começou o Brasil Alfabetizado nós estamos conveniados.

Então vocês estão desde a primeira edição, com a rede?

Sim, sim. Porque nós já estávamos lá, quem somou conosco foi a rede. Nós já estávamos lá. Com Maria Alice desde 86 e comigo desde 1989.

E antes de ter esse convênio com a rede, então essa iniciativa de formação inicial, era toda proposta pelo CEDEP/GENPEX?

Era toda pelo CEDEP/UnB. O GENPEX começa em 2000 e antes a gente atuava, mas sempre foi UNB- cedepe, cedepe-UnB. Sempre. Só que antes éramos só nós, então isso nos dava muita liberdade, de estabelecer os prazos, as necessidades, os desejos. Né?!

Nós fazíamos geralmente no final do ano anterior, vamos supor, nós estamos em novembro. Entre novembro/dezembro nós fazíamos uma avaliação com os alfabetizadores, analfabetizados, dirigentes do movimento popular e nós da UnB, estudantes e professores do que tinha sido a experiência do ano e do que valeria ou do que seria necessário a gente melhorar na formação preliminar e na formação continuada também. Então a gente montava o encontro dessa forma, era um encontro mais participativo e dentro do real concreto.

Se você pudesse, assim, descrever é... um formato, um passo a passo de como era essa formação inicial à época... (?)

Ela sempre começa com uma perspectiva do que seria os objetivos hist. Do cedep, porq nós entendemos que alguém que vai trabalhar na educação de jovens e adultos do Paranoá/Itapoã, quer dizer, hoje Paranoá/Itapoã, antes só Paranoá, ele tem que entender o sentido do porque o CEDEP e do porque da unb estar como cepdep. Então o primeiro entendimento é esse, pra pessoa saber em que que ela estava entrando. Então para nós isso era muito importante.

Depois a natureza do processo alfabetizador, na nat do proc, entrava muito esse perspectiva que no livro nós trabalhamos bastante, que é uma revisitação da tese. Foram mais de 4 anos reelaborando a tese. Que é o seguinte: você fazer alf de eja na perspectiva do que é hegemônico que é a apropriação da leitura, da escrita e do cálculo, isso você encontra, como o movimento popular nos disse, em qualquer escola, agora, você fazer uma alfabetização que é também apropriação, mas não se reduz à apropriação, pois se quer uma alfabetização que seja possibilitadora de um aprendizado de participação na melhoria da qualidade de vida da sua comunidade. Isso aí já uma outra variável que faz com que, no início com as normalistas, a gente tivesse que ressignificar a perspectiva de alfabetização e, atualmente com as pessoas já formadas em vários cursos de graduação espalhados pelo Brasil. Necessariamente as alfabetizadores, nem sempre ou quase não sempre, elas passarma pela UnB, mas fizeram curso de pedagogia ou línguas português, inglês francês e outras licenciaturas, né?! Da geografia, história, ciências, daí vai variando.

Então a pessoa chega com a perspectiva de educação, e eu identificaria como bancária, hegemonicamente bancária. E a gente vai batalhar, nessa educação hegemonicamente bancária que você tem e eu tenho, todos nós temos porque ela é histórica, ela é cultural, ela é da gênese biológica da nossa.... e a gente vai trabalhar nessa... o resto do tempo que essa alfabetizadora estiver conosco e nós também conosco mesmo.

(... mídias)

Então, eu diria que hoje é mais difícil, hoje é até mais difícil, porque a pessoa tem a autoridade de um curso de pedagogia. Então essa ressignificação do processo alfabetizador, ela se torna mais exigente, na formação inicial, na formação continuada.

(... EJA bancária existe)

Essa proposta é do CEDEP-UnB e tem também uma coisa, o fato da pessoa ter uma bolsa, acontece aquilo que você me perguntou no início, isso impede que a pessoa escolha trabalhar por um compromisso de causa, nem sempre é um compromisso de classe, nem é um compromisso social. Ela vai ficar enquanto tiver a bolsa. O dia que não tiver a bolsa ela vai sair. Nós já vivemos isso em outros momentos, em outros convênios com a secretaria de educação. Se essa bolsa acabar, tem muita gente que vai sumir. Agora tem pessoas que tem o compromisso com a melhoria da qualidade de vida da população.

Então o que a gente tenta fazer é, os que já chegam com uma iniciação, aprofundar. E os que não tem, ter iniciação.

Se a agente fosse resumir seria:

Apresentação dos objetivos do CEDEP-UnB

O processo alfabetizador em si (Renato: como ele acontece), como ele se dá.

Renato: hoje com mais detalhes, porque nós hoje, com o tempo a gente vai desenvolvendo, então a questão do texto coletivo oral, do texto coletivo escrito, que agora faz parte também da formação inicial. Esse ano foi até a Marina que deu, são desdobramentos do nosso processo. E além disso, é, além dessa orientação sobre a questão do texto coletivo, o processo todo da alfabetização, quer dizer: a situação-problema desafio, como que ela é desenvolvida, o que que ela significa, porque que existe a situação problema-desafio, porque que existe o fórum – o fórum que tem alfabetizadores; o fórum que tem alfabetizadores, alfabetizando, alunos e professores da UnB – porque que tem a programação mensal ou quinzenal das alfabetizadoras, é, os encontros específicos do Itapoã, os encontros específicos do Paranoá e depois como se dá o processo de avaliação do alfabetizando, da alfabetizanda, para continuar na rede, que agora não é entrar mais na rede. Na nossa época primeira, eles iam entrar na rede, né?” eles saiam do movimento popular e entravam na rede pública de ensino. A gente fazia um acompanhamento que não era previsto, mas era direto e indireto, porque eles se juntavam entre si, pra se apoiarem mutuamente, mesmo porque as turmas eram poucas, hoje que as turmas aumentaram, e quando tinham dificuldade eles recorriam, quer dizer, eles corriam ao CEDEP e recorriam, então a gente dava essa orientação. Ainda hoje a gente dá essa

orientação, mas hoje a gente tem que dar essa prospectiva, a gente tem um acompanhamento (...)

2015: Azeitar o acompanhamento dos egressos (ser frente do GENPEX)

Renato, em vários momentos você comentou sobre a formação continuada...

É, é na formação continuada, porque que nós entendemos que a formação continuada é fundante, porque você não consegue resolver toda essa ressignificação subjetiva das pessoas, na formação inicial só.

Só uma perguntinha que eu deixei passar, a formação inicial já tinha esse formato de ter cada dia uma linguagem, ou isso é uma coisa desse ano?

Não, não, ela já vem de algum tempo pra cá, mas foi descoberta ao longo do processo. Só que a gente tenta fazer o seguinte...

Mas os professores convidados não eram de cada área?

Era de cada área, então, por exemplo: geografia para início de escolarização ia o Fávero, não ia o João; história para início de escolarização, ia Fávero; Língua materna, ia a professora (pausa) Stella, Stella que era a única naquela época e assim sucessivamente. Agora, isso tem vantagens e desvantagens, uma delas é que fica difícil você juntar tudo, porque cada pessoa vem e dá o seu pedaço. Então a criação da situação problema-desafio foi uma maneira da gente trabalhar, sem falar nas palavras que eu vou te dizer agora, porque eu não uso isso no livro, que é a pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinariedade, transdisciplinaridade, é, na nossa história de vida isso só acontece quando tem uma situação problema desafio pra resolver, ou seja, ao longo da constituição da espécie humana, os homens e as mulheres só se juntaram quando tinha uma ameaça à sobrevivência e à existência, por isso que a situação problema desafio é uma ameaça à existência e à sobrevivência das pessoas que moram no Paranoá/Itapoã, essa que é a definição da situação problema e que as vezes fica reducionista, e não é um problema da rua, do quarteirão é algo que, assim como a moradia era uma questão vital, e fez o morador se juntar, não se dava esse nome, mas o nome foi criado em função da práxis histórica do Paranoá que é a situação-problema desafio. Ai a pessoa, olha bem, ela se junta pra discutir quais são as situações problema, na turma. Ai, com aquela discussão na turma, ela vai escolher qual é a mais

premente, qual que é a mais urgente e, ao mesmo tempo, viável de ser resolvida por eles. Cada turma tendo escolhido a situação problema desafio, vai-se para o fórum, cada turma vai defender aquilo que escolheu, defendidas as SPD escolhidas, se faz a votação, a votação do fórum pra ver qual que vai ser a SPD durante o, ou durante aquele mês, ou durante o bimestre, ou durante o semestre, tem essa flexibilidade. Não é?! Quando é uma situação problema mais complexa, ela vai implicar em mais tempo (...) Ai depois que a SP é escolhida, ela voolta às salas, ai vai-se discutir os encaminhamentos de superação, de novo cada turma leva seus encaminhamentos ao fórum, amplo, ai no fórum, as várias alternativas de superação são discutidas, debatidas e votadas. Aquela que for a mais votada é aquela que será escolhida. (...voto...)

Então havia uma tentativa de se fazer pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade?

É, isso ai, o que que acontecia, que a medida que eu to discutindo spd e ao mesmo tempo eu com isso faço o texto coletivo, aquele texto é uma produção dos alfabetizandos (das), depois relacionáveis à vida deles (elas), então é algo que tem real-concreto, então fica mais forte a fala oral, depois a escrita no quadro, ou na folha de papel, aquele papel amarelo, ou uma folha A4, dependendo, dependendo da alfabetizadora até notebook, ela as vezes, ela tem. Ai o que que acontece, ela vai trabalhar, a alfabetizadora, as várias linguagens a partir desse texto oral. Então é importantíssimo que elas estejam aprendendo não a ficar só no português, que é a tendência, ou ficar só na matemática, que é outra tendência, mas entrar na história, nas ciências, na geografia, a partir do texto, então o conhecimento da geografia ele entra não como a priori estabelecido, mas como algo que, o processo pede. Então isso na formação continuada e também na formação inicial é algo bastante difícil. Porque a formação nossa de ensino médio, inclusive a formação de graduação, é uma formação unidisciplinar, quer dizer, eu tenho a disciplina A, B, C, D, ai eu chego num lugar chamado Paranoá/Itapoã com um grupo que fala que eu tenho que trabalhar os vários conhecimentos de uma forma articulada. Agora o que faz esse conhecimento se juntar é a identificação da SPD e a solução dela. (...) É mais uma decorrência, do que uma ocorrência a articulação entre as várias linguagens.

Ai essa formação continuada se dava em que momento? Não era no fórum, porque o fórum era o momento mais...

Renato: não, o fórum era um dos momentos, é pra ele continuar sendo um dos momentos, essa formação continuada ela se dava sobretudo no acompanhamento diário da alfabetizadora.

E que nós tínhamos também um numero maior de(...) naquela época nós tínhamos graduandos e graduandas pra todas as turmas, em dupla. Eu conseguia colocar você e mais uma numa turma junto com a alfabetizadora, então aquela dupla acompanhava aquela alfabetizadora o semestre inteiro, então elas se juntavam, se ajudavam mutuamente.

E aí era uma formação realmente “em processo”

Então atualmente ela está muito ligada apenas ao acompanhamento da coordenadora, que hoje a gente tem a coordenadora que não tinha antes, do jeito que funciona a coordenadora. Sempre teve Creuza coordenando, Eva coordenando, que são as clássicas (...) Ai quando a gente começou a fazer a reunião que foi segunda, que foi terça, que foi quarta e que ficou quina a noite, a gente fazia a avaliação e as vezes eles tinham até condição de vir aqui participar da reunião. A agente fazia um acompanhamento conjunto. Não eram todos que podiam vir, mas a Gilene vinha muito, a Creuza vinha muito. Hoje me faz muita falta uma pessoa como a Gilene; a Gilene orientando era como uma pessoa da UnB, as vezes até mais enfática do que uma pessoa da UnB, porque antes ela foi alfabetizadora, ela tinha autoridade.

Como você vê o espaço de sexta-feira no CEDEP?

Eu acho que o seguinte, nós estamos com uma coisa que é boa e, ao mesmo tempo, difícil. Cresceu muito o número de turmas, cresceu muito o número de alfabetizadoras, e nós estamos com duas frentes o Paranoá e o Itapoã. Ai nós tínhamos a escola classe da quadra 17, da 26 e a da 3 ou era 4, eram só 3 escolas. Ai a gente reunia cada sexta-feira numa das escolas, o deslocamento era todo a pé. Hoje para ir pro (... transporte...). Essa sexta-feira só existe porque ela era um dia de avaliação conjunta de tudo, hoje ela ta sacramentada, ninguém nem discute mais que a sexta-feira é dia de encontro geral , só que ela foi sendo desdobrada. Quer dizer, a coordenadora lá do Itapoã elasó tem um dia pra encontrar com as suas alfabetizadoras, na sexta-feira, ou seja, na sexta-feira começou a entrar muita coisa. Então ela passa a ser um canal fundante da formação continuada, então nós temos que ter, vamos ver se em 2015, com a retomada, vê se a gente consegue isso, vê se durante a semana a gente consegue um encontro com as coordenadoras, vê como a gente investe mais nas coordenadoras pra elas serem irradiadoras, multiplicadoras. Porque atualmente é assim, elas tão em sala, mas elas tão recebendo também orientação da coordenadora e essas orientações podem ser divergentes e isso dificulta o aprendizado da alfabetizadora que, em última instância, vai seguir a

coordenadora, porque a coordenadora é que a patroa dela. É com ela que ela tem a ligação, justamente da questão da bolsa. Então, é bom, é; cresceu? Cresceu, mas essa não ação direta com as alfabetizadoras hoje é uma dificuldade. Então a gente tem que mudar um pouco a estratégia. (...professores da EJA...) Então o que que acontece, fica difícil pra pessoa, ela não tem uma formação continuada, ela não teve na graduação dela que as vezes foi em história, em geografia, em ciências, ela não teve essa formulação que é uma proposta da UnB com o movimento popular organizado do Paranoá/Itapoã, não tem, não tem. Então a pessoa sai do movimento popular, chega lá o professor ele é conteudista (... alfabetizando egressos...), para isso é preciso uma maior organicidade entre nós e a rede, e isso nunca existiu. Eu não sei quem vai entrar conosco no doutorado, mas eu vou ver alguém em nível de mestrado e doutorado pra estar atuando no Paranoá/Itapoã com essa organicidade.

Euu...

Ótimo...

A última pergunta é sobre as reuniões de quinta-feira, que eu chamei de reuniões de família. É, mas é mais ou menos isso mesmo, porque nós fomos descobrindo no processo, nesses anos todos é... porque todo mundo chega epistemológico, o que que é chegar epistemológico? É chegar como uma universidade comum, qual seja, que as pessoas tem que se apropriar de conteúdo e quando se apropria de conteúdo é a revolução. É isso o que alguma literatura muito degustada diz. Mas a gente foi percebendo ao longo do tempo que ficar só nisso não basta. Ai você vai entrar na constituição do sujeito político, o sujeito político é o que o partido entende como aquele que vai e dá uma aula pros alfabetizando e alfabetizadas uma vez por semestre. Então a parte politica era o fulano do partido que fazia. Ai gente não brigou nada, a gente foi moldando (...) ai juntou a questão política e a epistemológica. Depois nós percebemos também que pessoas que trabalham o dia todo, vão com fome lá pra alfabetização anoite e não tem uma acolhida, fica quase impossível pra ela, se ela não foi oxigenada com alguma energia humana, quer seja pelos colegas, quer seja pelo alfabetizador, pela alfabetizadora, pelo pessoal da UnB. Então nós começamos a discutir que a questão da acolhida ela era fundante. Antes, até a tese era: 'constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso' ela ta na sequência, até na sequência da UnB, na Unb ninguém questiona o epistemológico, mas se vc entra no campo político, alguns vão torcer o nariz, se você entra da amorosidade, vão chamar você de supersticiosa, religiosa, etc, não se assuste com isso. Daí então, o primeiro momento da nossa quinta-feira é o abraço, pode ser um sorriso, pode ser uma história, é o momento pras pessoas poderem falar algo de duas vidas.

Então é isso que eu chamo do ‘amor/poder/saber’, o amor como eixo dorsal, orientador da produção do conhecimento.

Ao longo do tempo algumas coisas vão se diferenciando, com participação; deixando de ser capital e passando a ser trabalho.

Então na nossa perspectiva, a quinta-feira é um dia de exercício dessa amorização, do exercício do poder e da produção de saber, que nós desenvolvemos na quinta pra poder desenvolver nas reuniões com as coordenadoras, nas reuniões com as alfabetizadoras, com os alfabetizadores, nas reuniões com a direção do CEDEP e com a direção da secretaria. Ai, dependendo da direção da secretaria, se for uma pessoa nossa, é de um jeito, se não for é de outro, porque as pessoas que passam por nós ai tem uma marca diferente. Não é melhor nem pior que as outras, é só diferente.

Mas é que no livro aparece assim, que as reuniões de quinta....

É porque a nossa sexta era a quinta. Ai a sexta já era aula de desdobramento do acertado na quinta.

Era uma aula coletiva, no CEDEP, com alfabetizadores, alfabetizandos, alunos da UnB!?

É, depois essa quinta deixou de existir e a gente passou pra sexta, e eu não fiz uma nota de rodapé, poderia ter feito, mas ai essa quinta passou a ser a sexta, mas a sexta hoje ta desdobrada da maneira que você colocou: reunião da coordenadora, reunião da direção do CEDEP, que se confunde com a direção da regional, que ai a regional vem e ocupa o espaço que é nosso da alfabetização. Daí trata de um assunto que é da regional, que deveria tratar, em outro momento, mas aí invade o horário da sexta-feira, então, o horário da formação continuada fica diminuído, vamos ver pra 2015 como que a gente retoma isso. Então a quinta-feira era o dia assim que a gente fazia tudo isso que ta no livro e a gente já desenvolvia as primeiras aulas de desdobramento já na sexta-feira. Então era bom porque a gente começava e terminava a semana na quinta, era bom porque forçava o alfabetizador a se organizar melhor, porque geralmente a semana começa na segunda, é um dia difícil pra todo mundo, e o nosso primeiro dia útil era a sexta. Era por isso que era assim. Foi um tempo inclusive que eu tive que morar em Belo Horizonte, então eu ficava aqui até quinta. Então era outra lógica.

Então não tinham reuniões somente, reuniões do GENPEX, aqui na UnB?

Tinha, só que a gente fazia reunião tipo assim, meio-dia, duas horas da tarde. Foi aqueles dias que eu já falei com você que já foi segunda, já foi terça... Só que com os projetos, a gente teve que estabelecer o dia, pra pessoa poder se matricular. (...projetos...)

Quando nós propusemos os projetos, seriam só os projetos, atividade programa e seminário integrado, nós fizemos isso na UNICAMP, não é novidade. Então, ah! mas como é que ficaria cada professor? Cada professor entraria, cada projeto seu [aluno] seria um problema a resolver, que é a perspectiva de pesquisa e intervenção, pesquisa-ação, então você teria o seu projeto, talvez o seu objeto seria em comum a outro colega, desde o primeiro semestre. Então aqueles professores entrariam com suas áreas de saber para ajudar a você a fazer, ajudar você a resolver. Mesma perspectiva que a gente ta tentando fazer com a alfabetização. Ai alguém, na reunião coloca, mas a diretriz curricular fala das disciplinas obrigatórias, nós não podemos abrir mão da disciplina obrigatória, mas ai eu coloco: não, tem uma prerrogativa da lei, na constituição, artigo 205 que é da autonomia universitária e há dispositivo da 9394, você pode fazer o currículo do jeito que você quiser, só você, como universidade, assumir isso nos seus conceitos e informar o conselho nacional de educação. (...) a disciplina optativa daria base a esse acompanhamento, ai você tem que ter o acompanhamento funcionando, encontros. Seria como se todo mundo tivesse fazendo uma pesquisa na graduação, a pesquisa não começaria no mestrado, começaria na graduação com algo dorsal da graduação e não algo que o aluno faz porque o professor pede, ou então porque entrou pro PIBIC, ou então ta no PET, ou então ta num projeto que pede. Não é isso, não é algo pontual, é algo orgânico. Então todo mundo estaria aprendendo a ensinar e a pesquisar. E a disciplina obrigatória daria nisso, a disciplina optativa, perdão, porque na disciplina você escolhe o professor se ele te atende, a disciplina obrigatória não.

Então essas reuniões elas aconteciam lá no CEDEP?

Não, tinha as reuniões específicas aqui.

Essas de meio-dia, duas horas, eram aqui?

Era aqui, sempre foram, tanto com o pessoal da pedagogia quanto com o pessoal dos outros cursos. Ta?!

Mas a reunião de reencaminhamento da práxis (Renato: essa era quinta-feira) era onde? (Renato: Lá no CEDEP) Lá no CEDEP?

Lá no CEDEP, ai tinha alfabetizandos, eles participavam de todas, não tinha diferença. A avaliação da práxis alfabetizadora era feita com as alfabetizadoras e os alfabetizandos, todo mundo junto. É tanto que em relação a algumas alfabetizadoras, elas começaram a criar um certo ranso em relação as suas turmas, aí nós tivemos que mediar. Por que a medida que alguém da turma diz que em tal coisa ela não ta bem, isso gera um certo desconforto. Então acontecia isso. Com o tempo elas foram pedindo pra não ser junta. Há algumas que defendem, Creuza defende e Elza também, certeza que elas defendem, mas outras que foram chegando depois, elas não defendem. E o pessoal do movimento popular, eles não tem tempo para orientar as coordenadoras, quando tem reunião é sempre pra dizer o que fazer e não para fazer formação continuada e sempre é assim, tem um trabalho em tal lugar, outro trabalho em tal lugar e quando chega lá é sempre correndo. (...Lurdes...) Então, por exemplo, a gente fez ai com a Marina, com a Janaína, nós fizemos uma pesquisa, na minha licença capacitação, sobre os significados do texto coletivo no processo alfabetizador. O depoimento da Eva e de outras também, mas o da Eva que é mais incisivo, mostra a diferença entre alguém que tem a proposta UnB/CEDEP incorporada e de quem chegou e tem apenas uma visão de aproximação, não é que não tenha, mas tem uma visão de aproximação, mas que ai precisaria ser muito mais trabalhada na formação continuada, como tal, nós temos que na nossa avaliação de 2014, aumentar o espaço da formação continuada para 2015, quem saber, ser dois espaços, não um só, pelo menos dois, nós não vamos garantir ganhar 100%, um espaço UnB com alfabetizadoras e outro espaço UnB com quem puder levar.

Então no livro a Lurdes comenta que.... Que trabalho é esse de aperfeiçoamento e aprofundamento dos monitores?

É que o seguinte, que primeiro, é, quando você, que como era algo do movimento popular, o mov era muito ligado a ação do cristianismo no PARANOÁ, por isso eles começam com o TUCA 1 e TUCA 2. Como que as pessoas eram chamadas? Ou nas reuniões quando haviam mobilização em função da moradia e nas missas, naquela época ainda não tinha, tinha mais era igreja católica inicial e algum culto que também se tivesse ia lá se falar com o pastor. As pessoas entravam não era porque tinha uma bolsa, porque precisava de dedicar a comunidade e o espírito da comunicação era muito grande. Então o que acontecia, a disponibilidade das pessoas, o despojamento anterior era maior do que hoje. Então precisava da gente aprofundar

sábado e domingo, o pessoal achava tempo. Nós tínhamos que achar tempo e eles também. A gente fazia por exemplo, sábado e domingo, ficava no CEDEP aprofundando determinado assunto. Além dos encontros que estavam acontecendo, então vamos fazer, vamos supor, três sábados para aprofundar tal assunto; a gente fazia, três sábados, ou só de manhã, ou só de tarde, ou de manhã e de tarde; ou as vezes pegando manhã do sábado e manhã do domingo. Isso é o horário do militante, não é o horário do bolsista. Ou o militante político, ou o militante religioso, ou o militante social, qualquer que seja, ele vai. O bolsista não, porque inclusive a organização da escola em que ele está é de segunda a sexta, os professores que estão recebendo pra dar aula, estão recebendo pra dar aula de segunda a sexta e sábado eles não vão à escola.

Mas qual era a atividade que tinha nesse aprofundamento?

Não, por exemplo, vamos supor que identifica, nos acompanhamentos semanais, que um grupo de alfabetizadoras, precisa de aprofundar o desenvolvimento do texto coletivo, ta?! Ela precisa na sala melhorar... e não é uma só, você identifica por A, por B, por C, por D, por E, por I, a gente junta aquele grupo de alfabetizadora e dá o aprofundamento.

Então não tinha uma formalidade, uma sistematização, era de acordo com a demanda?

Com a demanda! Claro! Era no processo, era isso que Lurdes queria falar. Não que isso não possa acontecer hoje, mas é que tem um problema. Toda vez que você deixa de ter aula com jovens e adultos, eles tendem a não ir. Então durante a semana a gente não tem mais essa flexibilidade de fazer, por exemplo, de 20 às 21: aula e de 21 às 22: formação continuada. A gente não tem tido essa flexibilidade. Além disso tem os famosos fiscalizadores, que ficam fiscalizando se tem ou não tem aula. Pra eles aula é aquela visão tradicional, então talvez, essa alternativa, nesse tempo de convênio, a gente não tem usado. Com esses dois argumentos. Não, então a gente vai ter aula até 21h, de 19 ou então de 19:30 até 20:30, que naquela época também a gente ia até 22:30. Hoje vai até 21:30, no máximo até 15 pra 22h. Então é isso, também tem essa diminuição de jornada. Mas pode ser feito hoje, a pessoa que ta acompanhando a alfabetizadora, ou ela já passa, ajudando ali no plano de aula, no plano de disciplina, no plano do dia, ela já ajuda, só que ela tem que ter tempo de preparar com a alfabetizadora. Ai ela tem que combinar com a alfabetizadora que o primeiro turno elas vão ficar com a turma e 21h, por exemplo, nós vamos ficar nós duas trabalhando. Essa liberdade, a medida que um não vai podendo acompanhar direito, o outro não ta junto, vai perdendo um pouco, e aí fica aquele esquema que eu prefiro fazer na sexta. A sexta era pra ser mais um espaço e não o único espaço. Por isso que historicamente foi construído o Paranoá e o Itapoã,

inicialmente mais o Paranoá, antes tinha só o Paranoá. Então a sexta feira era, é! Essencialmente para a formação continuada, não pode ser uma vez só, é muito pouco, porque além da gente não ter essa formação continuada da pessoa da UnB com a alfabetizadora e o alfabetizador. A gente não tem também essas reduções de horários pra acertar, mesmo com toda tecnologia hoje, mas ela não funciona. Se eu pedir pra você entrar em contato com a alfabetizadora e vice-versa por e-mail, que é uma forma de trocar. Dificilmente vai acontecer, não sei por que, mas seria um maneira, então hoje tem mais tecnologia do que antes, mas a maneira de acontecer que poderia ser diferente, é menos rápido. Porque eu acho que também as pessoas olho no olho funcionam melhor, do que ter a mediação tecnológica.

É, eu também não sei, porque pelo que eu vejo, as alfabetizadoras também não tem assim, computador, porque as vezes a gente acha que hoje tem mais mídia, mas nem todo mundo tem acesso.

Não tem, começa por ai, ninguém tem um computador funcionando bem. É uma ou outra que tem, ou o pai ou a mãe, comprou, mas é muito difícil. Elas recebem um salário mínimo, as vezes, um salário mínimo e meio. É bom sempre lembrar, nós estamos com a faixa da exclusão mais perversa do Brasil. De 0 a 2 salários mínimos. As vezes a única coisa que ela recebe é aquela bolsa. A bolsa é um salário mínimo e meio, quando chega a um salário mínimo e meio. Você pega o IBGE e o IPEA, a maioria da pobreza está entre 0 e 2 salários mínimos, você trabalha com essa faixa. Então essas coisas você também tem que identificar pra, por exemplo, tem os computadores lá, porque que que nós então não pensamos num dia anoite, todas estarem na sala do computador para terem orientação com o pessoal da UnB e vice versa. Ta entendendo certas coisas que a gente pode criar e ainda não criou? Elas não te, tudo bem, mas a gente ta criando a solução. Porque as vezes na reunião a gente pode falar: “troquem ai os e-mails” mas as vezes ela não tem computador, ou o ta quebrado, o email dela ta com problema, ou ela não tem prática. Aí uma coisa que a gente tinha quando havia pessoas da pedagogia ligadas à informática, as alfabetizadoras orientavam os alfabetizados a aprenderem a linguagem digital. E aí, elas também aprendiam, elas podiam entrar naqueles computadores, se elas não tinham em casa, podiam usar aqueles computadores lá do CEDEP. Aí era o caso de ter um dia anoite pra gente verificar, vai. Qual dia? Mas como que vai ser? Não é algo que você já marca antes, tem que ser no processo, ai já avisa os alunos: não hoje vocês vão ter aula até 20:30, agora uma turma do Itapoã, porque hoje vocês vão ter orientação continuada, formação continuada com o pessoal da UnB. Ai não teria só a sexta feira, porque

o planejamento delas, acho que dificilmente elas abririam mão, que é fazer o famoso plano de aula, plano de curso, plano de disciplina, que é o que a gente aprende em didática. O que a gente pode fazer é que desses 4, dois a gente fique pra nós, na sexta-feira e, ao longo da semana, quando necessário ou com a alfabetizadora especificamente que você está acompanhando ou que na reunião de quinta-feira que fulano viu e mais outro viu e que a gente pode tá trabalhando com o grupo de alfabetizadoras. Então são questões que, para o ano que vem, a gente pode tá fazendo como o que a Lurdes colocou aí, ne?!

Ao buscar a sua formação... as alfabetizadoras buscavam essa formação? Elas buscavam ou era mais um convite nas reuniões, nas missas, nos cultos?

Não, a questão era a seguinte, essa formação ela já existia para passar a proposta do CEDEP/UnB e sobretudo dessa configuração interna das pessoas que “eu tenho que fazer e é um bem que eu tenho que fazer” então para a pessoa que se propõe, ela tinha mais, ela tinha gana pela formação também. Eu quero saber porque eu quero fazer um bom trabalho, eu quero saber, Tainara, me ensina porque eu quero fazer um bom trabalho. Isso no dia-a-dia. Foi assim que Elza foi se constituindo, que Creuza foi se constituindo. Agora outra coisa é o seguinte, eu vou fazer a formação na EAPE porque é uma exigência do curso, é uma exigência pra eu ser alfabetizadora, eu vou ter que fazer com o pessoal do CEDEP/UnB porque também é uma exigência, não é porque eu venho de uma escolha política, religiosa ou social, entende? Nós temos gente que tá lá por escolha do coração? Tem. Eliane e Eliana do Itapoã são uma delas. Nós começamos o Itapoã numa reunião eu, Julieta e Eliane, a negra. Aas duas são negras. Julieta, Eliana e eu. Não tinha uma pessoa do CEDEP, depois o CEDEP veio e decidiu apoiar, mas foi a Eliana que tomou essa iniciativa e até hoje ela é fundamental lá no Itapoã, a mobilização do Itapoã é resguardada as características, ela é muito forte das pessoas. E há movimentos outros lá, que não são só políticos, partidários, educacionais; são movimentos religiosos e a pessoa faz da sua, do seu engajamento religioso, a sua atuação na alfabetização de jovens e adultos, ou seja, eu sou cristão, evangélico ou católico a medida que eu faço uma boa alfabetização. Essa pessoa vai correr atrás, vai correr atrás de quem tem um computador, vai pesquisar no google, vai ligar pra você, vai perguntar a você quando chegar e vai participar das reuniões da sexta feira com muito mais empenho. Agora as que não têm, a gente tem mais esse trabalho, que é fazer dessa pessoa que é uma burocrata da educação, fazer dela uma pessoa na qual palpita o coração da educação. Nós temos esse desafio na formação continuada. Isso vale para o CEDEP e para a UnB e se vc parte da premissa que a grande

maioria vem da rede privada, a maioria vem de uma educação bancária. Eles não são preocupados de formar revolucionários, nem mudar a educação não.

Ganhar apoio da rede em 2015 (novo governo)